



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

FACULDADE
DE
LETRAS

**CONGRESSO INTERNACIONAL
JOSÉ SARAMAGO: 20 ANOS COM O PRÉMIO NOBEL**

Coimbra, Convento São Francisco

8, 9 e 10 de outubro de 2018

Resumos
de
Comunicações

Ana Isabel Correia Martins

Pós-doutoranda da Fundação para a Ciência e Tecnologia
Investigadora Integrada no Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Nosce te ipsum: a dimensão délfica da Ilha Desconhecida

Resumo: *Dá-me um barco:* é sob este primeiro imperativo de viagem que embarcamos com o *homem* que foi bater à porta do rei para empreender a sua odisseia. Na reminiscência das figuras dos contos tradicionais, em que narrativas míticas apresentam personagens simbolicamente funcionais, neste conto saramaguiano encontramos um número reduzido de figuras, planas e desprovidas de densidade interior, revestidas por uma onomástica falaciosamente anónima mas definida para a representação colectiva da sociedade – o rei, o homem, os tripulantes, o capitão do porto e a mulher da limpeza.

O narrador onisciente descreve a arquitectura doméstica, política digo, do rei: *portas das petições, porta dos obséquios, porta das decisões* – cada uma com a sua utilidade e utilização. Uma vez familiarizados com a simplicidade e sincretismo da escrita lapidar e aforística, apanágios do escritor, não deixamos de reconhecer a tensão e complementaridade entre o real e o abstracto, o consciente e o inconsciente, o espaço geográfico e o espaço psicológico, catalisadores de uma dinâmica de autognose, pela alegorização de ide(i)a(i)s e afectos.

O tema da viagem é uma modalidade genológica que desde Quinhentos configura um paradigma cultural e identitário de um perfil lusitano. No seu jogo hiponímico, temos elementos estruturantes e seminais como o mar, enquanto metáfora de um estado transitório, de um intermezzo, quando se perde de vista o ponto de partida e enquanto ainda não se avista o ponto de chegada. A dinâmica da narrativa estrutura-se em três momentos: *a prova qualificadora, a prova decisiva e a prova glorificadora*, em crescendo de intensidade. Nesse itinerário demiúrgico cabe a (im)probabilidade, o acaso, o (im)previsto, e o amor (em que ter e gostar são conceitos assimétricos), sinais e revelações de um último imperativo: *nosce te ipsum*.

Palavras chave: viagem, autognose, alegoria(s), imperativo(s), conto.

Ana Margarida Fonseca¹

**Cartografias imaginárias: representações de espaços distópicos
em José Saramago e José Eduardo Agualusa e Ignacio Loyola de Brandão**

As representações distópicas ocupam, na literatura contemporânea, um lugar de grande relevância, pelo potencial reflexivo acerca do presente, das possibilidades de futuro, e da urgência de pensar ambos criticamente. Assim, a distopia abre um espaço fundamental na representação das sociedades atuais e dos seus maiores problemas, como o totalitarismo, a asfixia cultural ou a degradação ambiental. Deste modo, a função do impulso utópico divide-se entre a concessão de poder e a imaginação da mudança, tendo em vista a produção de um futuro coletivo que contrarie as ambiguidades do presente.

Com a presente comunicação, propomo-nos abrir um espaço de análise e reflexão em torno de três textos literários em língua portuguesa nos quais está presente uma perspectiva apocalíptica do futuro: *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago, *Barroco Tropical* de José Eduardo Agualusa e *Não verás país nenhum* de Ignacio Loyola de Brandão. Mais concretamente, interessa-nos observar a representação de espaços distópicos em cada uma das narrativas, tendo presente a interseção das leituras do mundo e a existência de referentes ligados à vida na cidade (como ruas, edifícios públicos e habitações). Consideraremos igualmente o contexto de uma pós-colonialidade que aproxima Portugal, Angola e o Brasil, questionando o papel de uma historicidade comum assente em relações desiguais de poder e em mecanismos de exploração humana, que os novos modelos pós-imperiais em grande parte reproduzem.

¹ Centro de Estudos Comparatistas/Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa/Unidade para o Desenvolvimento do Interior (IPG)

Ana Maria Coelho Silva Wertheimer

À glória da personagem: figuras impalpáveis merecedoras de estátua

Resumo: Na crônica *À glória de Acácio*, do livro *A bagagem do viajante*, José Saramago propõe, em um discurso irônico, que seja erigido em Portugal um monumento para a conhecida personagem de Eça de Queiroz, a exemplo da estátua de Dom Quixote e Sancho Pança, na Praça de Espanha, em Madri. Não obstante se tratar de uma crítica ao comportamento de Acácio, um servidor português “respeitador dos poderes estabelecidos e dos regulamentos”, a ideia de prestar uma homenagem a uma personagem literária incitou a pesquisa para este trabalho: eleger, dentre as personagens femininas do único escritor em língua portuguesa a receber o Prêmio Nobel de Literatura, aquela que melhor justifique sua representação em bronze. À luz das teorias dialógicas de Mikhail Bakhtin, faz-se um estudo contrastivo entre Blimunda, da obra *Memorial do convento*, de 1982, e a mulher do médico, de *Ensaio sobre a cegueira*, de 1995, obra que, conforme o escritor, inaugura uma segunda fase de sua produção literária. Saramago utiliza a expressão metafórica “da estátua à pedra” para ilustrar uma possível ruptura no conjunto de sua obra: enquanto seus primeiros romances representariam a estátua, por tratarem de temas políticos, históricos ou religiosos de forma ficcional, os romances subsequentes, a partir de *Ensaio sobre a cegueira*, penetrariam na pedra, abordando questões universais sobre a complexidade humana. Na esteira das coincidências do uso do termo “estátua”, em sentido metafórico e literal, o objetivo deste trabalho consiste na identificação da polifonia como teoria do processo criativo das personagens saramaguianas. Entende-se que um estudo de hermenêutica literária possa contribuir para a análise tanto de romances de Saramago, como também das teorias de Bakhtin nos domínios dos estudos literários.

Palavras-chave: José Saramago; Blimunda; A mulher do médico; Mikhail Bakhtin; Polifonia.

Antonia Claudia de Andrade Cordeiro

Wodisney Cordeiro dos Santos

**Alegorias, religião e mito em
“as intermitências da morte”, de José Saramago**

Este trabalho objetiva apresentar mais uma reflexão sobre a obra de José Saramago “As Intermitências da morte”, especificamente, como a alegoria da não existência da morte auxilia para se perceber a influência da religião católica no que diz respeito às construções ideológicas que envolvem a morte humana. Analisar-se-á, portanto, a construção alegórica da morte como um meio para se refletir sobre o discurso religioso e sua fundamentação na ideia de ressurreição e no mito do paraíso. Apresentam-se, portanto, as possíveis consequências para essa instituição, a igreja, diante do fim da morte ou, de maneira mais específica, como os pilares que a sustentam são postos em xeque, isto é, como a fé do cristão é abalada uma vez que está amparada na crença de uma vida após a morte e no desejo de habitar o paraíso. Assim, evidencia-se como a morte supostamente organiza a vida a partir da forma mística de lidarmos com o desconhecido, ou seja, o mito. Para tanto, buscar-se-á a fundamentação teórica em Roland Barthes (1997) no que diz respeito ao conceito de mito, e em Walter Benjamin (2004), no que se refere à concepção de expressão alegórica. Pode-se dizer que a alegoria saramaguiana da finitude da morte permite ver, de forma patente, a morte como sustentáculo da religião católica e, por que não dizer, como a própria condição de existência desta.

Palavras-chave: José Saramago. Alegoria. Morte. Religião. Mito.

Antonio Augusto Nery

(UFPR)

Cecília Thais Hamm

(UFPR)

A párodia em *In nomine Dei*

A peça teatral In nomine Dei (1993) é baseada na história de um conflito religioso ocorrido na cidade de Münster, Alemanha, no século XVI. Para o desenvolvimento da ficção, José Saramago (1922-2010) estabelece um interessante diálogo com informações sobre o conflito sangrento entre católicos e protestantes, motivado por divergências relacionadas ao batismo infantil, ora relatando os fatos narrados pela historiografia oficial quase que literalmente, ora subvertendo-os e reconstruindo-os de modo paródico. O objetivo deste trabalho é analisar de que forma ocorre esse diálogo, investigando principalmente o modo como a paródia é desenvolvida e quais os efeitos possivelmente pretendidos pela desconstrução do discurso histórico sobre o embate religioso ocorrido em Münster. O estudo também procurará resgatar e reforçar a importância de *In nomine Dei* na totalidade da obra de José Saramago, principalmente no que diz respeito à sua relação com outras obras do autor que veiculam temática religiosa, dentre as quais *Memorial do Convento* (1982), *A segunda vida de Francisco de Assis* (1987), *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991) e *Caim* (2009). Em um primeiro momento, faremos uma revisão do fato histórico, explicitando brevemente os acontecimentos ocorridos em Münster, entre os anos de 1531 e 1534, nos valendo tanto de textos historiográficos que expõem uma perspectiva religiosa, católica e protestante, quanto de leituras históricas desvinculadas de qualquer teor religioso. Na sequência, amparados pelas proposições teóricas de Linda Hutcheon, em sua obra *Uma Teoria da Paródia* (1985), analisaremos *In nomine Dei*.

Beatriz Schneider da Costa

Instituto Federal de Brasília, *Campus* São Sebastião, Brasília, Brasil.

O oco existencial ou a busca pelo sentido humano: relações entre poesia e história na poética de Fernando Pessoa e José Saramago

Esta comunicação tem por objetivo debater as produções poéticas de Fernando Pessoa e José Saramago, fomentando o diálogo entre elas, a fim de compreender os aspectos principais que fundamentam a poética desses importantes poetas portugueses. Esta apresentação consiste na análise dos poemas “Liberdade” (1935), “Adiamento” (1928) e “Não sei. Falta-me um sentido, um tacto” (1917) de Fernando Pessoa; e “Não me peçam razões...” (1997), “Lama, detrito, entulho, lixo” (1998) e “Ao inferno, senhores” (1998), de José Saramago, nos quais encontram-se relações de proximidade e de distanciamento na busca por determinar a necessária articulação entre a peculiaridade do estético e sua íntima conjugação com a vida social na modernidade. A fim de analisar a obra de tão importantes escritores, a metodologia dessa pesquisa esteve embasada no olhar do eu-lírico em cada poema, deixando-se guiar por suas determinações, para, a partir da captação dessa perspectiva ao mesmo tempo subjetiva e objetivada, captar a essência da vida humana ali transfigurada. Buscou-se relacionar cada poema analisado às categorias expostas na poética de forma geral, buscando acompanhar as bases de formulação da estrutura literária e de sua íntima relação com a vida social na modernidade, a partir dos teóricos Theodor W. Adorno (2012), Hugo Friedrich (1978) e Alfredo Bosi (2000). Sob esta perspectiva, verificou-se como a produção lírica de Fernando Pessoa e de José Saramago concentra os aspectos centrais da construção do indivíduo solitário, ao trazer, por meio de espaços cada vez mais aparentemente caóticos, um “eu” que parece se perder nesse cosmos, mas, contraditoriamente parece se formar, ao mesmo tempo, um mundo que se estrutura, pois o poema passa a organizar a história humana ali capturada, permitindo a cada poema imprimir uma forma à experiência da realidade.

Referências

- ADORNO, Theodor W, 1903-1969. Notas de literatura I. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2012
- BORDINI, Maria da Glória. Poeta apesar de si mesmo. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.15, n.1, p. 211-214, jan./jun. 2011.
- BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FRIEDRICH, Hugo, 1904-1977. Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- PESSOA, Fernando, 1888-1935. Tabacaria e outros poemas/Fernando Pessoa. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 1996.
- SARAMAGO, José, Prémio Nobel. Os poemas possíveis. Alfragide – Portugal: Editorial Caminho, SA, 1997.

Burghard Baltrusch

Facultade de Filoloxía e Tradución E-36310 Vigo (Galiza, Spain)

Do Poético ao Político: Ensaio sobre a Lucidez Política de José Saramago

Resumo: Segundo Rancière (2013), a arte política não pode funcionar como uma simples encenação com significado, como um espectáculo que pretende consciencializar sobre um estado de coisas. Basicamente, porque ela produz um duplo efeito: Por um lado, estaria a legibilidade de um significado político e, pelo outro, o choque perceptivo, causado pela estranheza, por aquilo que se resiste à significação. Este choque, tanto perceptivo como sensível, o *double bind* entre o significado político e o impacto sensível, é uma das características inerentes à arte política. Neste contexto, o relatório pretende visitar alguns textos emblemáticos da obra saramaguiana, entre eles o *Ensaio sobre a Lucidez* e *O Ano de 1993*, para esboçar um marco hermenêutico capaz de definir a relação entre o poético e o político na obra do autor. Trata-se de analisar os processos, com os quais Saramago estabeleceu as relações entre ontologia e fenomeno-

logia, ou seja, entre a ideia de uma verdade e de um contexto, no qual esta ideia pode funcionar em termos tanto poéticos como políticos.

Palavras-chave: Política, utopia/heterotopia, *littérature engagée*, *Ensaio sobre a Lucidez*, *O Ano de 1993*.

Carlos M. Alves Machado

CLP (U. de Coimbra)

**O método da anarquia: epistemologia da história
na narrativa saramaguiana**

Paul Feyerabend, nas décadas finais do século XX, através das edições sucessivas da sua obra *Against method*, pôs em causa a epistemologia vigente, que assentava na crença numa sucessão de paradigmas essenciais que pretendiam superintender ao avanço do conhecimento científico. A sua proposta de formulação de hipóteses contra-indutivas, fora da caixa da *doxa* dominante, constituiu uma forma nova e iconoclasta de conceber a evolução do conhecimento e, nessa mesma medida, a ideia de progresso científico, pela construção de uma epistemologia anárquica, capaz de proceder à reconfiguração dos sistemas de pensamento instituídos e reescrever a sua história.

Pretende-se, nesta comunicação, demonstrar de que forma os romances de Saramago obedecem aos mesmos princípios anárquicos de Feyerabend, a partir do momento em que as narrativas construídas surgem numa linha de ruptura com a História de Portugal, comumente aceite e instituída, de forma a fazer saltar a narrativa fora dos gonzos. Nessa medida, em vez de os romances surgirem como alternativas possíveis e ficcionais à realidade social envolvente, aquilo que se verifica (sobretudo em *Memorial do convento* (1982), *O ano da morte de Ricardo Reis* (1986) e *História do cerco de Lisboa* (1989)) é que as narrativas surgem como hipóteses contra-indutivas, que iluminam a mundividência do leitor, apresentando uma visão crítica e alternativa dos acontecimentos, que aspira a suplantam os discursos historiográficos hegemónicos.

Deste modo, aquilo que se pretende analisar na obra de Saramago é a forma como o binómio realidade/ficção é reequacionado e/ou reconfigurado, através de um discurso performativo, capaz de transformar a narrativa literária num objeto controverso, mas de utilidade comprovada, bem longe do ensimesmamento autotélico modernista, sem, contudo, se render à vertente pragmática de cunho neorrealista, que a transforma num objeto ideologicamente manipulado.

Carlos Nogueira

Ensaio sobre a Cegueira: ensaio sobre o mal

Resumo: A representação e a problematização do mal, enquanto categoria central da moral, atravessam toda a obra literária de Saramago. *Ensaio sobre a Cegueira* (1995) é o romance do autor em que o mal (e outros conceitos que se lhe associam, como a culpa, o remorso, a responsabilidade individual, a imputabilidade, etc.) mais aparece livre de implicações de natureza teológica. Nesta intervenção, proponho uma leitura deste livro informada criticamente, antes de mais, pelos conceitos filosóficos de mal radical (Kant) e de mal banal (Hannah Arendt), que confrontarei, para, a partir do que considero ser o erro de interpretação do conceito de mal de Hannah Arendt, tornar mais evidente a importância do conceito de Kant. *Ensaio sobre a Cegueira* é um romance que ganha muito lido à luz destes princípios filosóficos, e estes não ganham menos tal como são tratados no livro de Saramago. A minha abordagem de *Ensaio sobre a Cegueira* em articulação com o questionamento do conceito filosófico de mal visa dois grandes propósitos que se interligam: contribuir quer para um entendimento mais consciente e profundo das atitudes e dos comportamentos éticos individuais e coletivos, quer, por via disso, para uma reconstrução da vida na pólis do século XXI.

Christopher Rollason

Receção de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* no mundo de expressão inglesa: tradução e crítica

Tal como sucedeu com muitos outros escritores, também a obra de José Saramago adquiriu importância nos países de expressão inglesa mediante a sua tradução para inglês. Com efeito, só depois da publicação da primeira tradução para essa língua de uma obra sua, *Memorial do Convento*, em 1987, deixa o autor de ser um estrangeiro praticamente desconhecido, passando logo a ser reconhecido como um Nobel, consagrado por Harold Bloom como um dos maiores romancistas vivos. Esta comunicação debruça-se sobre a primeira fase da receção anglófona da obra *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, publicada em Portugal em 1984 e na versão inglesa de Giovanni Pontiero em 1991. Analisam-se o texto da tradução, assim como algumas das mais significativas recensões críticas que recebeu, com a finalidade de determinar até que ponto, no caso específico deste romance caracterizado por um profundíssima presença da cultura portuguesa nas suas múltiplas vertentes, tanto o tradutor como os críticos conseguiram compreender e comunicar as feições da Lisboa e do Portugal de Fernando Pessoa e do salazarismo, evocadas com tão ricos pormenores nesta obra essencial do cânone do Nobel português.

Daniel Cruz

FLUC – CLP

Errância e autoconhecimento nas crônicas de viagens de José Saramago

O tema da viagem na obra de José Saramago pode ser visto a partir de dois movimentos matriciais: a errância e o autoconhecimento. Ao dilatar, como um nômade, as fronteiras de um espaço pré-determinado, a personagem (ou o narrador-personagem)

renova-se sob um novo olhar adquirido. Dessa forma, temos uma dupla linha de força que irrompe, especialmente, nos livros de viagens saramaguianos e se alimenta pela dinâmica de uma *poiêsis* da visualidade.

Para além de um tema, podemos destacar da sua obra uma produção literária delimitada genologicamente como literatura de viagens, sendo o livro *Viagem a Portugal* (1981) o seu maior expoente. Entretanto, ao recuarmos nossa atenção às suas crônicas, encontramos já, de maneira ainda embrionária, a arquitetura desse tipo de texto (em linhas gerais, predomínio do discurso descritivo, referencialidade ao mundo real, mapeamento e orientação do espaço visitado destinado ao leitor, etc.).

À vista disso, nesta presente proposta de comunicação irei discutir criticamente, a partir de três crônicas de viagens à Itália compiladas no livro *A Bagagem do Viajante* (1973) – “Criado em Pisa”, “O jardim de Boboli”, “Terra de Siena molhada” – , como a errância e o autoconhecimento se desvelam, sob o prisma do olhar, de uma subversão de itinerários ou de uma crítica aos ditames do turismo de massas, para uma nova percepção de si em consonância à amplitude da paisagem descrita nos seus breves relatos de viagens.

Daniela Maduro

Circunvoluções: José Saramago e ficção científica

Resumo: Robert Silverberg descreveu *Ensaio sobre a Cegueira* (1995) como um exemplo de ficção científica social (Silverberg, 2010: 31). Adam Roberts incluiu a obra saramaguiana na sua história da ficção científica (Roberts, 2005: 322-323). Por seu turno, em *Os Poemas Possíveis* (1966), José Saramago assumiu os títulos anglófonos (“Science Fiction I” e “Science Fiction II”) de dois dos seus poemas. À semelhança da sociedade descrita por George Orwell, Saramago referiu-se, no livro *O Ano de 1993* (1987), a cidadãos perseguidos por um “olho de vigilância individual olho que não dorme nunca” (cap. II). A obra de Saramago é baseada na auscultação das “circunvolu-

ções do espírito humano” (Saramago, 1995: 35), criando por vezes fissuras no real para que a existência humana seja examinada sem intermissões. Tal como a obra de Saramago é dedicada à “constante procura do que o Homem pode/poderia ser” (Arnaut, 2014: 7), também alguma ficção científica efetua esse movimento especulativo que não levanta âncora do plano mundano. Ao colocar a humanidade em situações limite, Saramago cria um cenário onde tudo pode ser reavaliado. Despojadas dos artifícios que permitem ignorar a morte, as personagens de Saramago tornam-se assim na força motriz de um processo de introspeção que deixa transparecer um elo incorruptível entre seres humanos. O mesmo anseio de perscrutar a essência humana é manifestado por obras de ficção científica. Partindo de temas como “epidemia” ou “vigilância”, esta apresentação identificará possíveis pontos de contacto entre a obra de José Saramago e a ficção científica distópica ou pós-apocalíptica.

Referências bibliográficas

- ARNAUT, Ana Paula (2014). “José Saramago: da realidade à utopia. O Homem como lugar onde”, in *Revista de História e Teoria das Ideias*, Vol. 33. Lisboa: Centro de História da Cultura, p. 171-190. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/2415>.
- ORWELL, George (2008). *1984*. Londres: Penguin Books.
- ROBERTS, Adam (2005). *The History of Science Fiction*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- SARAMAGO, José (1987). *O Ano de 1993*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (2014). *Poemas Possíveis* [1996]. Porto: Porto Editora.
- SILVERBERG, Robert (2010). “Cause and Effect” [2001], in *Musings and Meditations*. Nova Iorque: Nonstop Press, pp. 30-33.

Daniele dos Santos Rosa

Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília.

Professora de Literatura no Instituto Federal de Brasília, Brasil.

A representação do devir-humano em *A viagem do elefante*, de José Saramago

Esta apresentação tem por objetivo compreender como se dá a representação estética do devir-humano na obra *A viagem do Elefante*, de José Saramago, publicada em 2006. O livro narra a viagem do elefante Salomão/Solimão, ocorrida no século XVI, com o seu tratador Subhro/Fritz, que, trazidos da Índia, vão de Portugal à Áustria. A partir desse enredo, transfigura-se um embate entre crenças e mitos, marcado pela Inquisição e pelo contato de culturas promovido pelas relações comerciais e exploratórias entre Índia, África, América e Europa. Busca-se, assim, compreender como a narrativa parte de um acontecimento factual para tratar da constituição do homem e da civilização humana. Na narrativa, as personagens defrontam-se com os limites da própria condição humana quando tentam compreender a realidade que as rodeia. Portanto, a partir do método crítico histórico-dialético, que compreende a história humana como um processo ontológico e a arte como possibilidade de reconhecimento das contradições, percebeu-se na narrativa em questão que as personagens, em especial Subhro/Fritz e algumas outras secundárias não nomeadas, tornam-se sujeitos ao transformarem o mundo ao redor em objetos de si mesmos. Este processo ocorre quando buscam conhecer e compreender a sua complexa vida social.

Referências

GOMES, Álvaro Cardoso. *A voz itinerante: ensaio sobre o romance português contemporâneo*. São Paulo: Edusp, 1993.

LESSA, Sérgio. *Para compreender a ontologia de Lukács*. 3. ed. Ver. e ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

LUKÁCS, Georg. *Arte e Sociedade. Escritos Estéticos 1932-1967*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

- LUKÁCS, Georg. *Estética*. Traducción de Manuel Sacristán. Barcelona; México: Ediciones Grijalbo S.A., 1966.
- _____. *Para uma ontologia do ser social II*. Tradução de Ivo Tonet, Nélio Schneider e Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2015. (Edição Kindle)
- MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*. Tradução revista por Leandro Konder. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- MÉSZÁROS, István. *O desafio e o fardo do tempo histórico. O socialismo no século XXI*. Tradução de Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário da teoria da narrativa*. São Paulo: Série Fundamentos, Ática, 1988.
- REMÉDIOS, M. L. Ritzel. *O romance português contemporâneo*. Santa Maria: Edições UFSM, 1986.
- ROSA, Daniele dos Santos. *Estratégias narrativas em José Saramago*. Monografia – Teoria Literária e Literatura, Universidade de Brasília, 2005.
- ROSA, Daniele; VALE, Fabiano. *Forma estética e consciência histórica: prática de crítica literária dialética*. Curitiba: Blanche, 2015.
- SARAMAGO, José. *A viagem do Elefante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SILVA, João Céu e. *Uma longa viagem com José Saramago*. Porto: Porto Editora, 2009.

Diego Martin

El concepto de ciudadanía en el teatro de José Saramago

Aunque la producción teatral de José Saramago no fue muy prolífica a lo largo de su dilatada vida literaria (apenas cinco títulos) consideramos que en ella podemos encontrar todas las claves de su compromiso ciudadano.

José Saramago nunca desvinculó su trabajo de escritor de sus responsabilidades como ciudadano.

En nuestra comunicación trataremos de analizar el concepto de ciudadanía en el teatro de José Saramago. Partiremos de una breve descripción del concepto de ciudadanía para enseguida abordar el contexto social en el que se desarrolla la vida de JS con el objetivo de procurar entender las motivaciones personales que le llevan a adquirir su compromiso cívico. Por último analizaremos cada una de sus obras de teatro analizando los valores que subyacen en las mismas, relacionados con el ejercicio de esa ciudadanía. Finalizaremos nuestra comunicación estableciendo una serie de conclusiones tendentes a justificar la relación entre la obra y el compromiso cívico de nuestro autor.

Eduardo Nunes

Intermedialidade e hipertextualidade na adaptação cinematográfica de *O homem duplicado*

Na comunicação que se propõe, pretende-se refletir acerca da adaptação do romance *O homem duplicado* (2002), de José Saramago, para cinema, em *Enemy* (2013), do realizador Denis Villeneuve.

A visão de adaptação que se privilegiará não assenta na suposta fidelidade que ela deve ao texto adaptado, pois, como explica Linda Hutcheon (2006), a adaptação é um trabalho que abertamente revisita um outro precedente mas vale, também, como trabalho autónomo. Assenta, ao invés, na sua consideração como leitura, neste caso, do romance saramaguiano. Contudo, para além de se reconhecer a relação de trans-textualidade (ou, mais concretamente, de hipertextualidade) entre adaptação e texto adaptado, importa também perspetivar as duas obras no quadro amplo das relações intermediais.

Como notam André Gaudreault e Philippe Marion (2004), um artista deve socorrer-se da criatividade para superar a resistência que um determinado meio, em virtude da sua opacidade e da sua força de inércia, sempre oferece à expressão de uma ideia. Mas, como também referem, parece existirem trabalhos “inadaptáveis”, ou, talvez

melhor, trabalhos que dificilmente podem ser adaptados a um outro meio sem que se percam elementos importantes do texto (ou do meio) original.

Favorecendo, de acordo com Robert Stam (2000), não uma ideia de essencialidade ontológica de cada meio, mas antes o reconhecimento das especificidades diacríticas de cada um deles, pretende-se analisar as eventuais perdas e ganhos na adaptação de *O homem duplicado* para cinema – ou, na linha da terminologia proposta por Stam, as adições, as reduções e as transformações operadas pelo hipertexto fílmico em relação ao hipotexto literário. Será considerado, com particular atenção, o modo como as reflexões do narrador saramaguiano sobre a História – que podem ser pensadas, num primeiro momento, como um daqueles elementos “inadaptáveis” – são (ou não) transcodificadas para filme.

Eliane Fittipaldi

O Duplo do Duplo: *O Homem Duplicado* no verbo e na imagem

Tertuliano Máximo Afonso vê-se às voltas com seu duplo no romance *O Homem Duplicado* de José Saramago, publicado em 2002. O mesmo (será de fato o mesmo?) Tertuliano vê-se igualmente duplicado em 2013 no filme *Enemy*, do quebequense Denis Villeneuve. Tantos Tertulianos provocam várias perguntas, por exemplo: como a duplicação da personagem ocorrida na linguagem literária duplica-se, por sua vez, por meio da linguagem cinematográfica, e como dialogam essas quatro personagens? De que recursos narratológicos e retóricos se valem o romancista e o cineasta para criar seus jogos de espelhos e de que maneira o cinema configura a problemática da crise de identidade neles refletida? O que se constrói e o que se desconstrói nesses espelhamentos? Como o filme de Villeneuve constitui, ele mesmo, um duplo do romance de Saramago? Esta comunicação tem por objetivo tratar dessas questões e das que delas possam decorrer.

Eula Carvalho Pinheiro

Lanzarote é minha jangada de pedra

José Saramago cronista e jornalista

Os “Cadernos de Lanzarote” escrito por José Saramago nos anos que antecederam ao recebimento do Prémio Nobel de Literatura de 1998 é, indubitavelmente, um DIÁRIO: “Sendo estes cadernos um diário, acho que tanto o podem ser do dia de hoje como do dia de ontem, em primeiro lugar porque o hoje está feito de todos os ontens, quer os próprios quer os alheios, e depois porque vinte anos não são nada e as coisas mudam muito menos [28 de Julho de 1994, *Cadernos de Lanzarote II*]; um DIÁRIO BIBLIOTECA, haja vista o conteúdo que encontramos nas páginas dos cinco volumes [aliás seis]: referências aos próprios textos ficcionais [o percurso, por exemplo, da escrita de *Ensaio sobre a Cegueira*] ou não [discursos, ensaios, textos para exposições de Artes Plásticas], a textos de outros autores, textos críticos a respeito dos próprios *Cadernos* [exemplifico com o “Contador dos Dias” de Carlos Reis]. Os *Cadernos de Lanzarote* são o diálogo-essência com a PEDRA; pedra a substância da ESTÁTUA. Nesse sentido, José Saramago dá-nos preciosos registos da Literatura e da Vida, a seguir os princípios da Nova História.

Fabiano Ferreira Costa Vale

Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília. Professor de Educação Básica na Secretaria de Educação do Distrito Federal, Brasília, Brasil.

“Como as coisas são feitas”: a representação literária do trabalho em *A Caverna*, de José Saramago

Este artigo pretende discutir a questão do trabalho estranhado na obra *A caverna*, do escritor português José Saramago. Publicado nos anos 2000, o livro transfigura, como representação da História humana, as consequências da nova fase neoliberal da

economia capitalista sobre economias locais e tradicionais. O enredo do romance trata justamente desta questão ao estruturar-se na história de uma família de oleiros que tem sua vida e seu trabalho impactados com a chegada de um *shopping center* à cidade. Verifica-se a importância do trabalho na vida de Cipriano Algor, já que é o processo de perda da utilidade de sua atividade profissional que provoca no oleiro e em sua família reflexões sobre o estar e atuar no mundo. Acredita-se na hipótese de que Saramago retoma o mito platônico para debater o capitalismo numa sociedade em que os indivíduos transformaram-se, por meio de uma relação metonímica, em meras sombras de suas profissões e ofícios, de atividades que lhes parecem cada vez mais estranhas.

Referências

- COSTA, Horacio. *José Saramago: O período formativo*. Lisboa: Caminho.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- FERREIRA, Sandra. *Da estátua à pedra: percursos figurativos de José Saramago*. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2015.
- FERNANDES, Ceres Costa. *O Narrador Plural na obra de José Saramago*. São Luís: Série Letras, 1990.
- FERNANDES, Ronaldo Costa. *O narrador do Romance*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *A voz itinerante: ensaio sobre o romance português contemporâneo*. São Paulo: Edusp, 1993.
- LUKÁCS, Georg. *Arte e Sociedade. Escritos Estéticos 1932-1967*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.
- LUKÁCS, Georg. *Estética*. Traducción de Manuel Sacristán. Barcelona; México: Ediciones Grijalbo S.A., 1966.
- MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*. Tradução revista por Leandro Konder. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- MÉSZÁROS, István. *O desafio e o fardo do tempo histórico. O socialismo no século XXI*. Tradução de Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário da teoria da narrativa*. São Paulo: Série Fundamentos, Ática, 1988.

- REIS, Carlos. *Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queiroz*. 2.^a ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- REMÉDIOS, M. L. Ritzel. *O romance português contemporâneo*. Santa Maria: Edições UFSM, 1986.
- ROSA, Daniele; VALE, Fabiano. *Forma estética e consciência histórica: prática de crítica literária dialética*. Curitiba: Blanche, 2015.
- SARAMAGO, José. *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SEIXO, M. Alzira. Lugares da ficção em José Saramago. Lisboa: Imprensa Nacional casa da Moeda, 1999.
- VEDDA, Miguel. Posição teleológica e posição estética: sobre as inter-relações entre trabalho e estética em Lukács. In: ; VAISMAN, Ester (Org.). *Lukács: estética e ontologia*. São Paulo: Alameda, 2014. p. 272-289.

Fabio Mario da Silva

(Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/CLEPUL/CEC)

Rosa Fina

(CLEPUL – Univ. de Lisboa)

Problematizações duma narrativa fantástica.

Uma leitura do *Conto da ilha desconhecida*, de José Saramago

Resumo: Podemos encontrar, no conjunto de obras saramaguianas, um conto fantástico, *Conto da ilha desconhecida*, publicado como livro em 1997, e que condensa muitos dos temas e debates levantados pelo autor em suas obras. Saramago utiliza-se de situações insólitas, através dum universo aparentemente onírico e irreal, para discutir temas como, por exemplo, a distinção de classes sociais, as dinâmicas das viagens, a problemática dos descobrimentos, a busca pela realização dos desejos, as problemáticas de género, a imersão do sujeito na descoberta de si mesmo, etc. Para cumprir nossos objetivos, iremos fazer uma revista na crítica especializada deste conto (Soares,

Gorski, Borges, Neto, Geabra Filho), bem como na própria opinião de Saramago, publicados nos *Cadernos de Lanzarote*, sobre alguns desses temas, demonstrando como uma narrativa tão curta consegue condensar quase todos os assuntos trabalhados em suas obras, anteriores e posteriores a este trabalho, apontando assim a sua importância na constituição do cânone do autor.

Palavras-chave: Conto da ilha desconhecida, narrativa fantástica, temáticas saramaguianas, crítica literária.

Fabíola Guimarães Pedras Mourthé

(Docente do CEFET/MG e doutoranda da PUC/ Minas e FLUC)²

Saramago, viajante infatigável pelas terras lusitanas

Em *Viagem a Portugal*, de José Saramago, o viajante observa atentamente o seu caminho, chamam-lhe a atenção os costumes locais, não passando despercebidas nem mesmo as conversas de rua, importando-lhe mais a travessia e menos o destino, pois, para ele, assim como nas veredas do grande sertão, o que interessa verdadeiramente é a **travessia**, como dizia Guimarães Rosa. Abordaremos a viagem como uma forma de estar e de ser, uma espécie de **nomadismo cosmopolita** (conforme teorizou Kenneth White) e ainda como forma de **autoconhecimento** e meio de **perceber** e **explorar** o seu país. A sensibilidade do viajante é essencial para observar as novidades ao longo do percurso. Ela é traduzida pelo seu olhar, sedento para conhecer e descobrir aspectos inusitados, que geralmente a vivência cotidiana dos nativos não permite enxergar. Nesse livro, o viajante constrói seu itinerário de viagem, remetendo-nos ao movimento

² CEFET/MG – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Brasil). PUC/Minas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Brasil). FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal).

nómada, que não segue uma lógica rectilínea, com um princípio, um meio e um fim. Analisaremos Saramago como um viajante que vinha de longe e sempre tinha muito o que contar, confirmando uma teorização de Walter Benjamin. A importância da **experiência** daquele que viajou, contudo, só se converte em **sabedoria** quando, terminada a viagem, transforma a experiência na possibilidade de uma outra experiência vivida, mentalmente, emocionalmente, pela experiencição dos leitores.

Fernanda Peixoto

«José»: a personagem e possíveis bifurcações

A comunicação – com o título, “«José»: a personagem e possíveis bifurcações” –, propõe-se apresentar uma leitura da figuração narrativa de «José», no romance *Todos os Nomes*, de José Saramago, enquanto construção dinâmica, fundada em pressupostos que decorrem dos estudos narrativos, da «fenomenologia da leitura», da pragmática da ficção e da análise do discurso. A interpretação dos procedimentos narrativos comunga quer da «fenomenologia do espelho», quer da (re)formulação em *dramatis personae* das re-presentações sociais e da construção identitária, em conflito com as formas dominantes. A figura «José» marcada pela dualidade, no romance de Saramago, não referencia uma época específica, datável, antes apresenta uma construção do mundo e da vida que atravessa épocas distintas. Não obstante, podemos detetar, na figuração romanesca, o resultado de um dado «processo civilizacional» que foi objeto de crítica radical, problematizado na tomada de consciência da «dialética do progresso», na medida em que dá a ver traços contraditórios da modernidade, da pré-modernidade e da pós-modernidade, na sociedade portuguesa. Deste modo, a figuração literária ilustra, por um lado, a vida «burocratizada e administrada», das sociedades disciplinares, por outro, o carácter labiríntico, indagador e complexo do pensamento crítico que se entretetece por caminhos, aparentemente, inúteis, contudo necessários. Esta construção que procura a exaustividade é figurada na arquitetura labiríntica – que envolve a personagem – tecida a partir de «fios de Ariadne» e bifurcações hipotéticas. O modo de ver

a construção narrativa, aqui apresentado, conduz-nos ao duplo movimento da figura que revela o poder de evocação do qual é investida – entre o ser e a aparência de ser, a presença e a ausência – que é o princípio da ficção.

Palavras-chave: Estudos narrativos; Personagem; Figuração; Análise do discurso; Sobrevida.

Gabriella Campos Mendes

Recensão e arrependimento: o Saramago crítico literário e a apreciação d’*O Delfim* de José Cardoso Pires.

Nos anos de 1967 e 1968, José Saramago contribuiu regularmente na secção ‘Livros’ da revista lisboeta *Seara Nova*. *Este periódico foi representativo para a consolidação da vertente jornalística da sua carreira, seja na sua atividade como crítico literário, comentador político ou como cronista – sendo a Seara Nova responsável por editar, em 1974, As Opiniões que o DL Teve.*

Sobre as trinta resenhas literárias escritas ao longo de dezesseis edições, registou – a 22 de julho de 1994 – em seus *Cadernos de Lanzarote*:

Apesar da minha inexperiência, e tanto quanto sou capaz de recordar, creio não haver cometido grossos erros de apreciação nem injustiças de maior tomo. Salvo o que escrevi sobre *O Delfim* de José Cardoso Pires: muitas vezes tenho me perguntado onde teria eu nesse momento a cabeça, e não encontro resposta...”³

Nesta breve análise busco compreender o que há na crítica saramaguiana que leva a tal arrependimento. Esse percurso de pensamento é feito através do confronto entre a resenha de outubro de 1968 e *O Delfim*, comparando esta apreciação às outras publicadas pelo autor na revista. Não obstante, este levantamento visa traçar o perfil

³ Saramago, J (2006). *Cadernos de Lanzarote II*. 3.ª edição. Porto: Porto Editora, p. 155.

de crítico que José Saramago constrói para si, o que se deve, principalmente, a um certo padrão de características que o autor exalta nos textos literários, como, por exemplo, os sucessivos elogios à arte compromissada e à literatura “ao serviço de”⁴. Tal análise, vale salientar, parte exclusivamente dos textos publicados em periódicos, não levando em conta a sua produção ficcional.

Em suma, espera-se poder demonstrar o motivo de Saramago questionar o seu trabalho na apreciação d’*O Delfim* a partir de uma velada incoerência entre a obra, a resenha e as outras críticas literárias por ele anteriormente realizadas.

Igor Rossoni

UFBA/Brasil

Consciência metalinguística sobre a imagem do poeta/artista na poesia de José Saramago e Manoel de Barros

O presente estudo subordina-se – e desdobra-se – ao tema “**A poesia de José Saramago**” e visa a refletir sobre a consciência sígnica que recai sobre a imagem do poeta/artista no ato de criação poética. Para tanto, selecionam-se – para análise contextual – os poemas: “Retrato do poeta quando jovem”, de José Saramago, constante em *Os poemas possíveis* (1966) e o poema 3 – “Há um cio vegetal na voz do artista”, de Manoel de Barros, constante na obra *Retrato do artista quando coisa* (1998). Ambos os escritores, português e brasileiro – uma vez centrada a primazia referencial de origem no pequeno-grande romance de formação *A portrait of the artist as a young man* (1916), de James Joyce – sugerem superar a **dúvida** e a **insegurança**, acalentada pelo processo natural de desenvolvimento e maturação que paira sobre o pensamento e a vontade do personagem Stephen Dedalus diante das imposições vivencio-sociais a que, naquela obra, vê-se submetido. Nesse sentido, as referências nominiais propostas pelos dois signatários em evidência sugerem-se, ao mesmo tempo, próximas e distantes do

⁴ Idem. (1967, 1 de Agosto). Pelos Caminhos Traversos da Alegoria. *Revista Seara Nova*, p. 261.

motivo de origem. Próxima, pelo evidente jogo de registros expressivos. Distante, pela **segura** consciência que fazem despontar nas atitudes retóricas de que se valem ao constituírem os respectivos sucessos poéticos selecionados. Assim – pela retórica discursiva da metalinguagem – a substância do fazer poético consagra e, em simultâneo, delinea a imagem do poeta/artista como o realizador potente para a explosão da consciência poética que lhes reveste; cada um à devida maneira. Em suma, refletir sobre os delineamentos conscienciais de como se inscreve particularmente a imagem do poeta/artista nos registros estéticos elencados, constitui-se no motivo central desta proposta de investigação.

Isa Severino

Instituto Politécnico da Guarda

Ensaio sobre a Cegueira: a clarividência feminina à luz da cegueira

Quando a cegueira, qual epidemia, se alastra pela cidade, os indivíduos tendem a igualar-se. As representações sociais que então diferenciavam os personagens desvanecem-se e, perante o drama, o que os distingue é a sua capacidade de resiliência a situações extremas.

A mulher do médico erige-se na narrativa como a única que vê e conseqüentemente não esquece; regista através do olhar e perpetua com a memória, assegurando uma aprendizagem.

No âmbito deste congresso, pretendemos analisar o papel desempenhado pela protagonista – a mulher do médico – que representa a possibilidade de, através da diferença, isto é, da capacidade de ver, assumir os desígnios de um grupo, de os proteger mesmo que para isso tenha de aniquilar ou inclusive silenciar-se. Se, por um lado, assume o papel de cuidadora, protetora; por outro lado, assume o papel de líder, de defensora de um grupo. É ela que capitaliza a visão, o poder reparador “Se podes olhar, vê, se podes ver, repara.” Neste sentido, pretendemos analisar o papel desta mulher na subversão de alguns *topoi*, estabelecendo diálogos com outras mulheres saramaguianas.

Isabel Araújo Branco

CHAM – Centro de Humanidades Universidade Nova de Lisboa

Futuro e «transibericidade»: José Saramago em diálogo com Josep Pla, Joan Maragall, Gaziél e outros ensaístas catalães

Resumo: José Saramago apresentou o conceito de «transibericidade», no essencial uma proposta de futuro que englobaria não só a Península Ibérica, mas também países da América e de África com tradições ibéricas. «A própria Península Ibérica não poderá ser hoje plenamente entendida fora da sua relação histórica e cultural com os povos de além», escrevia em 1988, dois anos depois da publicação de *A Jangada de Pedra*. Neste romance, o movimento ficcional da Península pode ser visto como uma metáfora da concepção teórica do autor. A obra ensaística de Saramago vai, pois, para lá da identificação de problemas, mostrando um possível caminho a seguir não apenas por Portugal, mas por toda a península, em particular em relação à União Europeia (então Comunidade Económica Europeia).

Nesta comunicação pretende-se compreender como o escritor português e ensaístas catalães do século XX como Josep Pla, Joan Maragall e Gaziél viam o futuro e especificamente o futuro na Ibéria. Há elementos que os separam e outros que os aproximam. Podemos afirmar que uma das atitudes predominantes a este conjunto de autores é a abertura ao mundo, tendo simultaneamente consciência de uma identidade própria e da irreversibilidade da sua existência (mais do que da necessidade da sua defesa). «A fronteira não é um limite: é uma grande janela aberta», escrevia Josep Pla. Trata-se, portanto, do diálogo com o outro, da partilha, do reconhecimento, da construção de pontes entre o comum e da compreensão da diferença, com a predisposição para a construção de algo novo. O mesmo é dizer: do futuro.

Isabel Araújo Branco é Professora Auxiliar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, nas áreas dos Estudos Hispânicos e de Tradução. É doutorada em Estudos Literários Comparados pela UNL, com uma tese intitulada «A recepção das literaturas hispano-americanas na literatura portuguesa contemporânea: edição, tradução e criação literá-

ria», com que recebeu o Prémio Científico Internacional Mário Quartin Graça 2015, concedido pela Casa da América Latina. É mestre em Estudos Contemporâneos de América Latina (Universidad Complutense de Madrid) e em Literatura Comparada (UNL). É licenciada em Ciências da Comunicação e em Estudos Portugueses (UNL). É vice-coordenadora do Grupo «Cultura, História e Pensamento Ibéricos e Ibero-Americanos» do CHAM-Centro de Humanidades (UNL), membro do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos (UNL) e colaboradora do Centro de Estudos Comparatistas (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa).

Joana Videira

Universitat de Barcelona

A mulher nos interstícios da trama: análise da construção da personagem feminina em “O conto da ilha desconhecida”

O conto é, como o definiu Ricardo Piglia nas suas *Teses sobre o conto*, “um relato que encerra um relato secreto”, uma história que conta outra de forma cifrada. O conto funde e condensa a sua materialidade narrativa para que nele caiba outro relato. O relato de Saramago que analisaremos é, também ele, duplo, ao contar em sincronia a história de duas personagens: a de um homem que quer um barco para procurar uma ilha desconhecida e a da mulher que decide acompanhá-lo.

Para a compreensão do significado da trama é fundamental -como é costume em Saramago- a personagem feminina da obra. É na figuração da personagem da mulher que reside o relato secreto do conto, a sua pauta e o fundamento que dá o sentido à trama. Enquanto a personagem do homem desencadeia as ações fundamentais para o avanço das peripécias narrativas: pede e consegue o barco, procura tripulação, apaixona-se, sonha; já a personagem da mulher constitui o substrato teórico e o significado intrínseco do conto.

Um dos mecanismos mais interessantes na construção textual desta obra é a dimensão narrativa da personagem feminina. Ao nível da figuração da trama, a mulher é um elemento secundário se comparada com a personagem do homem e das suces-

sivas ações que executa. No entanto, os procedimentos de figuração da personagem feminina fazem dela o elemento fundamental do sentido e significado final da trama.

A proposta que apresentamos pretende analisar os mecanismos narrativos da construção das duas personagens centrais do conto a partir do aparente paradoxo no qual uma ausência narrativa (a da mulher) condiciona o destino e a finalidade da narrativa visível (a do homem).

João Figueira

Universidade de Coimbra/CEIS20

Uma releitura histórica do jornalismo de compromisso político de José Saramago

O jornalismo foi um instrumento importante da ação política, usado quer pelos apoiantes, quer pelos opositores, do PREC, após o 25 de abril de 1974. José Saramago, que anos mais tarde haveria de afirmar que nunca fora, verdadeiramente, um jornalista (Aguilera, 2010), usou com destreza esse instrumento. Enquanto diretor-adjunto do *Diário de Notícias*, entre abril e novembro de 1975, período que abrange o chamado “Verão Quente” e que corresponde a uma das fases mais agitadas e polémicas do jornal e do país, nos últimos 44 anos, Saramago praticou sempre um jornalismo comprometido politicamente. O contexto sócio-político em que Portugal vivia após quase cinco décadas de ditadura tinha na imprensa um dos espaços mais visíveis das intensas lutas ideológicas e partidárias (Gomes, 2014; Sousa, 2003, Seaton & Pimlott, 1983). Após as nacionalizações de março de 75, o jornalismo foi um ator e um instrumento da ação política (Correia, 2008, Maxwell, 1999; Mesquita, 1994; Pimlott & Seaton, 1979), num quadro profissional marcado pela quase inexistência de fronteiras, no texto jornalístico, entre os géneros de informação e de opinião (Figueira, 2007; 2012). Saramago, que rejeitou sempre a ideia da objetividade jornalística (Aguillera, 2010), entendia que a informação não era um bem em si mesmo, mas um instrumento para a ação política: “estamos em plena luta de classes, é uma batalha de vida ou de morte entre eles e nós”

(Frémontier, 1976, p. 135). Esta forma de viver e praticar o jornalismo, que Albert Camus definira como uma forma de “literatura comprometida” (Daniel, 2009, p. 41), tinha já sido expressa na sua tomada de posse, ao afirmar que “pessoalmente quero servir a construção do socialismo e o *DN* vai ser um instrumento nas mãos do povo português, para a construção dessa linha” (*DN*, 10/4/75, p.2). A apresentação mostrará como o jornalismo de compromisso político de José Saramago – quer através das suas crónicas publicadas na 1ª página, quer na orientação editorial que imprimiu ao jornal, através das construções das manchetes do jornal e das suas interpretações da realidade – se inscreve no contexto político da época, ainda sem um código deontológico dos jornalistas, e em que a informação *engagé*, independentemente dos quadrantes ideológicos, era uma das expressões visíveis e assumidas da “luta de classes”. A releitura histórica que propomos apresentar mostrará ainda como aquela expressão está presente no quotidiano jornalístico de Saramago, e como o combate político que travou nas páginas do diário de maior circulação foi sempre coerente com os princípios definidos. Ao ponto de o *DN* passar de suporte noticioso e ideológico do governo, para uma atitude crítica e distanciada, embora Saramago argumentasse que o jornalismo (revolucionário) que praticava(m) refletia de que lado estava(m) e quem lhe(s) importava defender na luta de classes que o País travava.

João Filipe Rodrigues

Instituto Politécnico de Beja/Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa

Uma (re)leitura do romance *A Caverna*, de José Saramago, à luz dos *Surveillance Studies*

Os *Surveillance Studies* têm-se afirmado, nos últimos anos, como uma área de estudos multidisciplinar por excelência, na qual vários campos do saber se cruzam de maneira a possibilitar a problematização sistemática tanto das diferentes formas de vigilância que se têm generalizado nas sociedades contemporâneas como das reações e transformações daí resultantes. Tendo em consideração o papel fundamental que a

literatura desempenha no pensamento sobre o indivíduo e a sua relação com o mundo, assim como a importância da articulação do olhar da literatura com outras perspetivas, procurar-se-á promover, nesta apresentação, uma reflexão sobre a maneira como o texto literário problematiza a temática da vigilância.

Para isso, e partindo do suporte teórico fornecido pelos *Surveillance Studies*, a presente comunicação visa dar um contributo para uma (re)leitura do romance *A Caverna* com base no estudo da representação da vigilância. Deste modo, será dada especial atenção não só aos contextos de vigilância mais relevantes no romance, mas também à configuração de espaços chave em que, na narrativa, a vigilância se torna mais evidente – é o caso do Centro, um espaço de contornos alegóricos onde ganham forma múltiplos processos intrínsecos à sociedade contemporânea, como, por exemplo, o esbatimento das fronteiras entre o espaço público e o espaço privado e a reorganização da geografia urbana em função da prática do consumo, processos esses alicerçados, em grande medida, na disseminação de mecanismos de vigilância. Além disso, será igualmente analisada a construção das figuras vigilantes e vigiadas, bem como a complexa relação que entre elas se estabelece e, por fim, explorar-se-á o modo como, no texto, se privilegia a exposição e a questionação de subtis práticas de vigilância, num exercício de «contravigilância», resistência e subversão, em que assenta uma parte significativa da dimensão crítica e política do romance.

Palavras-chave: *A Caverna*, vigilância, espaço urbano, *Surveillance Studies*.

João Filipe Rodrigues licenciou-se, em 2004, em Línguas e Literaturas Modernas (variante de Estudos Ingleses e Alemães) – Ramo de Formação Educacional, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Na mesma instituição frequentou, entre 2004 e 2007, o Mestrado em Estudos Germanísticos. Em 2015, concluiu o Doutoramento em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos (Ramo de Literatura e Cultura), na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a apresentação de uma tese sobre a representação da vigilância em romances contemporâneos de expressão inglesa e alemã. É colaborador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Desde 2005 tem lecionado diversas unidades curriculares de Inglês e Alemão para fins específicos no ensino superior politécnico.

José Cândido de Oliveira Martins

Univ. Católica Portuguesa

Reinvenção ideológica saramaguiana de Ricardo Reis

O processo de construção de Ricardo Reis no romance “O Ano da Morte de Ricardo Reis” (1984) obedece manifestamente a um programa ideológico de tentativa de reinvenção da personalidade heteronímica de Fernando Pessoa. Completando ficcionalmente (ficção a partir da ficção) a vida não contada por Pessoa ou ainda em aberto, Saramago prolonga a biografia do heterónimo num singular processo de sobrevida e de refiguração.

Com este desiderato, o universo ficcional saramaguiano procura reinventar Ricardo Reis num tempo histórico determinado – de Portugal e da Europa (final de 1935 e sobretudo 1936) –, à luz de um horizonte ideológico que perturbe a filosofia original norteadora da mundividência desta figura, no sentido do seu desejável comprometimento político-social.

José Simões e Raquel Sabino

(Universidade de Évora)

«Estar mais e andar menos». A experiência do medievo na *Viagem a Portugal* de José Saramago

Resumo: Se é certo que na sua obra *Viagem a Portugal* o escritor José Saramago percorre o país praticamente em toda a sua extensão, não deixa de ser igualmente certo que nessa condição de *viajante* em continuada errância acaba por escolher: escolhe estar e ficar mais do que ir e ver. Detém-se, em mais do que uma ocasião, perante as memórias e as marcas de um passado medieval que conhece e experimenta com um gosto particular, por vezes quase apenas reservado aos especialistas da História. Nesta comunicação procuramos, por isso, os sinais dessa experiência (sensorial, racional ou

metafísica) que extravasa a circunstância e o lugar, mas também a evidência de um conhecimento dos factos históricos, dos movimentos e dos diálogos que esses outros tempos estabelecem com o presente. Utilizamos como ponto de partida a ideia que o autor apresenta logo no início da obra, segundo a qual a viagem deveria ser *estar mais e andar menos*, evocação direta ou indireta de um princípio muito caro ao homem medieval, para analisarmos depois, quase casuisticamente, esse confronto com um passado muitas vezes mitificado que nas tradições populares se fixaria, como refere Saramago, dividido entre *o tempo dos Afonsinos*, *o tempo dos Mouros* e aquele outro tempo *que lendas não deu*, opondo-se aos primeiros, *o tempo dos Romanos*. Ao colocar em evidência esta e outras leituras pretendemos também renovar um olhar sobre a obra saramaguiana e sobre as representações que faz da História na primeira pessoa. Assim, aclarar o conhecimento que o autor mostrava de um passado que para muitos é apenas acessível pela lenda e pela distância imposta pelo esquecimento e, simultaneamente, os seus traços de sensibilidade em relação ao medievo, será também uma forma de estar mais perto de conhecer o *ser Humano* que Saramago foi.

José Vieira⁵

Centro de Literatura Portuguesa (CLP)

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC)

Caim e uma sobrevida post-moderna

Área Temática – A personagem saramaguiana: figuração e sobrevida.

Fazendo parte de um ciclo de romances que Ana Paula Arnaut define como “romances fábula”, *Caim* é a última obra de Saramago publicada em vida do autor. A seguinte proposta de comunicação tem como objetivo analisar a personagem Caim no romance

⁵ Aluno do Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa, bolsheiro investigador da FCT SFRH/BD/129166/2017.

de José Saramago. Através da análise da narrativa, daremos conta dos processos utilizados pelo escritor que levaram à (re)figuração e sobrevida da personagem bíblica.

Partindo da refiguração da personagem, e seguindo certos preceitos post-modernistas, José Saramago apresenta um outro Caim que surge em vários episódios bíblicos, extravasando, portanto, a narrativa de origem. Conceitos como sobrevida, refiguração e transficionalidade serão abordados e pensados na tentativa de compreender o modo como Saramago dá continuidade estética e literária a uma personagem *non grata*. Resgatando Caim do *Gênesis*, Saramago colocará na sua personagem a tônica da reflexão e relativização do poder de Deus, pondo em causa todos os princípios até então aceites, seguindo, uma vez mais, os preceitos do Post-Modernismo que deslegitimam as grandes narrativas, Lyotard *dixit*. O Caim retratado por José Saramago não parece ser um pecador, surge-nos, antes, como um errante, perdido, pois foi amaldiçoado por Deus não só pela marca que tem na testa como também pelo modo como O enfrentou, de uma forma destemida, corajosa, questionando-O e questionando-se.

Partindo, portanto, dos pressupostos acima evidenciados, apresentaremos uma sobrevida post-moderna de Caim.

Palavras-chave: Caim; José Saramago; sobrevida da personagem; refiguração da personagem; Post-Modernismo.

Juliana Morais Belo

Universidade Estadual de Campinas

Levantado do Chão, de José Saramago: uma leitura do povo e da terra

Resumo: O quadro oferecido pelos estudos relativos à escrita saramaguiana, de certa maneira, adota o romance *Levantado do Chão* como uma obra que anuncia algumas das linhas de força definidoras de boa parte da ficção do escritor português. Vítor Viçoso (1999) pontua que a compreensão da obra romanesca de José Saramago implica numa análise da sua relação com a tradição literária portuguesa e que as referências

a autores como Almeida Garrett, Eça de Queiroz, Antônio Vieira, Fernando Pessoa devem ser compreendidas da mesma forma que as alusões a movimentos literários como é o caso do neorrealismo. No romance em questão, é notável o destaque dado ao drama dos camponeses alentejanos – os personagens, apesar de serem responsáveis pelo plantio, pela ceifa e pela colheita, não partilham do fruto do trabalho. Há também a degradação física, a fome, a miséria e a ignorância de que eles (trabalhadores) são os elementos fundamentais para a produção e os lucros do latifúndio, pois há o desconhecimento de tudo o que ocorria fora do limite da terra dos patrões, o que os oprimia mais no centro de um universo econômico regido pelo lucro. Sendo assim, esta proposta de trabalho tem como objetivo um estudo da figuração do povo e da terra assim como o questionamento sobre a leitura feita por Saramago sobre o neorrealismo português.

Kathryn Bishop-Sanchez

Universidade de Wisconsin, Madison

**Entre a loucura e a cegueira: a sobrevida literária de Camões
em *Que farei com este livro?***

No primeiro quadro da segunda obra dramática que Saramago publicou em 1980, *Que farei com este livro?*, um dos protagonistas, Martim da Câmara, íntimo do rei D. Sebastião e secretário de Estado, declara o seguinte ao observar um dia de nevoeiro: “É de manhãs assim que el-rei mais gosta. É o seu maior prazer cavalgar às cegas”. O tema da cegueira, física no caso de Luís de Camões, política, cultural e social no caso do rei e das autoridades eclesiásticas e jurídicas da época, é um dos fios condutores desta peça teatral, cuja aparente simplicidade e espontaneidade dos diálogos não disfarçam a ironia do autor ao retratar a mediocridade da corte, a corrupção da inquisição, e a ingenuidade do poeta ao desembarcar da Índia nas suas tentativas de publicar *Os Lusíadas*. A referência constante à cegueira simbólica do governo e ao estigma social do defeito físico do poeta (frequentemente em autorretrato e depreciação) justapõem-se às alusões da loucura associadas ao talento menosprezado do poeta e os sonhos grandiosos de conquista do rei.

O propósito deste estudo é analisar a construção saramaguiana de Camões como anti-herói numa sociedade em decadência, e que passa pelo uso de metáforas de deficiência física e mental. A partir de estudos de Rosemarie Garland-Thomson, Simi Linton, Lennard Davis, David Mitchell e Sharon Snyder, esta leitura enfatiza a construção da alteridade deficiente em relação à norma, quando a norma não é propriamente definida. Como ouvimos num certo passo da peça pela voz de Diogo do Couto, “os melhores sonhos são os que se fazem com os olhos abertos, não os da cegueira”, todas as personagens neste universo diegético lutam pela realização dos seus sonhos, contra a loucura e apesar da cegueira.

Laura Ventura

Saramago cronista: el hombre frente al espejo

“Las crónicas dicen todo aquello que soy como persona”, escribió José Saramago y agregó a esta afirmación una clave más para explorar su obra y su figura: “Todo *está* en las crónicas”. La crónica, por lo tanto, constituye mucho más que un punto de partida para estudiar la narrativa, tanto de ficción, como de no ficción (columnas, editoriales y ensayos) del escritor. Explorar sus crónicas implica ubicar el pensador e intelectual frente al espejo.

La mayoría de la producción de crónicas del autor portugués se produjo en la década del setenta, cuando, en los Estados Unidos, un grupo de periodistas se adjudicaban la creación de un nuevo género y estilo denominado *Nuevo Periodismo*. Saramago forjó en aquel momento su propia experiencia como cronista por un andarivel paralelo y original que, a menudo no se menciona, quizá porque su tan prestigiosa producción de ficción haya opacado sus propias piezas de no ficción.

Saramago sostenía en entrevistas y conferencias la honestidad con la que se expresaba en diversos ámbitos, así como también criticaba al periodismo servil. A esta virtud se le debería sumar su mirada y estilo plasmados en una creación artística híbrida y compleja. “La crónica es el encuentro de dos discursos: el literario y el periodístico”,

sostiene Susana Rotker. ¿Cómo era, por lo tanto, y en términos de la investigadora venezolana, este encuentro saramaguiano? En un escenario en el que la crónica hispanoamericana goza de excelente salud – sus exponentes se han autodenominado Nuevos Cronistas de Indias – resulta vital explorar la producción de las crónicas de Saramago y destacar las cualidades de la más personal de sus prosas.

Doctora Internacional en Filología Hispánica (Universidad Autónoma de Madrid, España), con una tesis dirigida por la doctora Selena Millares. Mención *cum laude*. Periodista del diario argentino *La Nación*, donde se desempeña desde hace una década como colaboradora permanente y crítica teatral. Licenciada en Letras (Universidad del Salvador, Argentina), licenciada en Comunicación Social (Universidad Austral, Argentina), magíster en Periodismo (Universidad Di Tella, Argentina), magíster en Lexicografía (Real Academia Española, a través de una Beca Carolina). Ejerció como Jefa de Trabajos Prácticos en la asignatura Contenidos Culturales Contemporáneos, cátedra a cargo del Dr. Pedro Luis Barcia (Universidad Austral), con quien ha publicado *El camino en la literatura, viaje a través de lenguas y culturas* (Autopistas del Sol, 2013).

Lilian Barbosa

No labirinto enigmático de *todos os nomes*

O romance *Todos os Nomes* apresenta uma profunda reflexão sobre a questão da identidade em suas múltiplas facetas. Tal questão já é estruturada logo no início do texto, quando o narrador decide nomear apenas o protagonista em uma narrativa que assume o vocábulo TODOS em sua composição. O Sr. José é um funcionário da Conservatória Geral, onde os todos os nomes estão registrados, no qual estão arquivadas as certidões de nascimento e morte de todos. Na faceta frontal do prédio ficam os vivos, em vertiginosas prateleiras, que os mais velhos vão ascendendo nas estantes a cada inclusão de um nascido, assim, “o fim da prateleira é, em todos os sentidos, o princípio da queda”. Atrás se aprofundam os mortos, em uma vastidão de montes de papéis que

fazem surgir labirínticos corredores, ao qual se adentra apenas conduzido por um fio preso à mesa do chefe. Essa organização hierárquica e uma rotina burocrática rígidas e impessoais fazem da Conservatória Geral um espaço kafkaniano no qual o indivíduo não se compreende mais enquanto ser, perdendo-se em generalizações nos quais os seres se tornam apenas nomes. Pretendemos, em nossa comunicação, analisar como a questão identitária se configura discursivamente e no processo composicional do protagonista do livro em questão. Nossa proposta é deslindar, nas linhas e entrelinhas do texto, o projeto artístico implícito do escritor e entender suas concepções de sujeito e identidade. Baseado nos aportes bakhtinianos, comporemos um caminho de leitura que perscrute a construção da obra de forma a interpretar suas possíveis significações e que demonstre como, no discurso de Saramago, a questão da identidade se articula com outros elementos romanescos de forma a compor artisticamente imagens e linguagens.

Lola Esteva de Llobet

La alegoría del reino en el evangelio según jesucristo.

Una historia del encuentro entre Jesús y dios

Desde el punto de vista teológico, la alegoría del Reino de Dios en el nuevo Evangelio de Saramago plantea muchas dudas y una gran angustia en la figura de Jesús respecto a esa condición de Hijo escogido por Dios para que se erija como líder de la cristiandad, más allá de los confines del pueblo de Israel. Especialmente interesante resulta el diálogo entre Dios, Jesús y el Pastor/ Diablo, durante cuarenta días en la barca. Enfocaré esas dudas y angustias de Jesús y cómo le planta cara a un Dios que le impone su destino de forma arbitraria y que le augura una muerte cruenta en la cruz como la de su padre, José.

Saramago crea una propia interpretación de los cuatro evangelios canónicos y da una nueva visión de la figura de Jesús de Nazaret y de su familia, su madre, María, su padre, José, y sus nueve hermanos, excavando en lo más profundo las raíces de nuestra tradición cristiana. Analizaré cada uno de los personajes tan humanos de ese nuevo

evangelio, empezando por la infancia de Jesús y su relación con los padres, en especial con esa culpa heredada de José, que lleva al adolescente Jesús al abandono de su familia y un viaje iniciático en busca de sus ancestros. Convive con el Pastor/Diablo que, de forma muy enigmática, le revelará en pequeñas dosis cuál es su destino. Asimismo hablaré de la figura de María de Magdala, la amante y compañera de Jesús.

Así, pues, Saramago cuestiona quién es ese Dios sanguinario que quiere sacrificios cruentos, ese Dios violento que desea sangre, muerte y sacrificio para restablecer su ley en el mundo, su poder y su gloria.

Luci Ruas Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

***Entre um Manual e A maior flor do mundo,* de José Saramago, do livro ao curta-metragem**

Não paira qualquer dúvida sobre a importância que sempre teve a narrativa, quando se investigam os outros campos de comunicação e discursividade. Narrativa e mídia mantêm entre si uma relação intrínseca, e, ainda que, nas últimas décadas, se venha observando o processo emancipatório entre o estudo das narrativas e os estudos literários, é bem verdade que a relação intermediária e a transmidiária não eliminam de forma alguma o texto literário de suas preocupações. Para esta ocasião, consideramos *A maior flor do mundo*, essa história em que Saramago nos conta as peripécias e as “dificuldades” de escrever um livro para crianças, tendo em vista as especificidades da linguagem que o autor-narrador vai apontando, enquanto esboça o seu conto. É um exercício lúdico, mais que pedagógico, uma proposta ficcional que não abandona as preocupações fundamentais da obra de José Saramago. E aí, guardadas as devidas proporções, é perfeitamente viável uma aproximação entre este texto de 1991 e o *Manual de pintura e caligrafia*, de 1977. Transposta para o cinema, no curta-metragem de Juan Pablo Etcheberry, com música de Emilio Aragón, o filme de animação se inter-relaciona

com o texto, dele fazendo uso pela voz do próprio autor. Saramago narra aos pequenos leitores/espectadores (mas não só, porque desafia o leitor cujas ideias já se consolidaram no binômio adulto ensina/criança aprende) a história do menino e da flor não como história acabada, mas como processo escritural, de quem pretende (pretensão que logo se desfaz) fazer o impossível: “escrever a melhor história de todos os tempos”. Vão descobrir que essa é a utopia do literário – “tornar real o desejo do impossível” (BARTHES). Nesse jogo, voz narrativa, animação, música, ilustração (a do livro) e pintura em diálogo, que convidam o leitor/ espectador a entrar na cena e desconstroem certos paradigmas que a pedagogia tem consagrado, constituem o foco deste trabalho.

Marcelo Nogueira de Siqueira

Universidade de Coimbra

**O fio de Ariadne no labirinto burocrático da informação:
alegorias arquivísticas no livro Todos os Nomes, de José Saramago**

Resumo: “A metáfora sempre foi a melhor forma de explicar as coisas”, indica Saramago nas páginas finais do romance Todos os Nomes, de 1997. O livro conta como a vida pacata e metódica do Sr. José, um funcionário inferior de uma Conservatória do Registro Civil, é bruscamente alterada ao se envolver na busca obsessiva por uma mulher desconhecida. O protagonista tem cinquenta e dois anos, sendo funcionário da Conservatória há vinte e cinco. Reside em uma casa simples, germinada ao prédio onde trabalha. Sem amigos ou familiares, com poucos recursos e vontades, limita-se ao trabalho e à obediência hierárquica imposta, acomodado à engrenagem social no qual está encaixado. Sua única diversão é colecionar recortes de publicações sobre pessoas famosas e acompanhar suas vidas à distância. Em um ímpeto de desobediência, decide buscar nos corredores labirínticos do arquivo da Conservatória, fora do horário do trabalho, maiores informações sobre os famosos de sua coleção. É neste momento de transgressão que encontra, por acaso, a ficha de registros de uma mulher de trinta e seis anos que, imediatamente, transforma-se em sua obsessão. Em sua procura pela

mulher desconhecida, o protagonista irá se embrenhar em outros labirintos de informação (público, privado, pessoal, íntimo, de terceiros), buscando descobrir verdades em percursos tortuosos e metafóricos, expondo tramas sociais e teias burocráticas de estruturas hierárquicas e institucionalizadas. Seu fio de Ariadne é a consciência de sua posição social e das obrigações que deve cumprir. Contudo, este cordão que o prende a realidade vai se desmaterializando e a forma passa a ser apenas sentimento.

Este presente trabalho procura estabelecer paralelos entre as alegorias saramaguianas com os aspectos burocráticos e sistêmicos da informação, apontando os elementos contextuais da história e suas características sociais, refletindo sobre o papel dos arquivos como guardião e mediador da informação nas sociedades contemporâneas.

Nota Biográfica: Marcelo Nogueira de Siqueira é professor do Departamento de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, arquivista do Arquivo Nacional (Brasil) e membro do Conselho Nacional de Arquivos (Brasil). Licenciado em Arquivologia (UNIRIO), Especialista em Docência do Ensino Superior (Universidade Cândido Mendes), Mestre em História Social (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e doutorando em Ciência da Informação (Universidade de Coimbra). Possui diversas publicações nas áreas de Arquivologia e História.

Marcelo Pacheco Soares

A sobrevida de uma personagem saramaguiana na obra saramaguiana

A obra de José Saramago é una. Apresenta-se em suas narrativas um sem-fim de autorreferências que sugerem que todas co-existem em um mesmo universo ficcional, sob a consciência de um único narrador com posicionamentos ideológicos coerentes entre si. Assim é que, por exemplo, encontramos menção a *História do cerco de Lisboa* em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* ou em *A jangada de pedra* a *Memorial do convento* ou neste a *Levantado do chão* ou mesmo personagens caninos diversos

batizados com o mesmo nome (ironicamente, Constante) a circular pelas narrativas. Não são, todavia, sempre explícitas tais alusões, tratando-se muitas vezes de apontamentos do narrador que, para se concretizarem, carecem de um resgate na memória estética daquele leitor que for mais assíduo à sua obra. Seria esse o caso das aparições do personagem Pastor, figura do Diabo no Evangelho saramaguiano, nos romances *Todos os nomes* e *Caim*, assim como a relação ainda desta personagem com a versão do cão Constante (mas também significativamente Ardent) de *A jangada de pedra* e a companhia desse animal em sua aparição no cemitério para o Sr. José no romance de 1997. E, se no citado Evangelho, Jesus reconhece que “também se aprende com o Diabo”, é porque Pastor e suas aparições em outros espaços ficcionais possuem no universo da poética do autor uma função pedagógica fundamental: mestre de um Jesus tornado repentino discípulo, também dará lições ao Sr. José e, ainda, servirá de guia a Caim nas vezes em que o encontrar na entrada das terras de Nod. A diabólica peregrinação pelos romances dessa personagem tão íntima à poética saramaguiana, bem como sua função na construção da ideologia das obras de Saramago, serão os objetos de estudo de nossas investigações nesse momento.

[Esta proposta de comunicação submete-se ao tema “A personagem saramaguiana: figuração e sobrevida”.]

Marco André Fernandes da Silva

Ricardo Reis ao espelho: Adamastor

Enquadramento temático: A personagem saramaguiana: figuração e sobrevida

Resumo: Em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, José Saramago serve-se do heterónimo clássico de Fernando Pessoa para arquitetar o seu romance, seguindo esse postulado de que “sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo”. Como protagonista

do romance, e embora seja trabalhado através de alguns cambiantes, Ricardo Reis, regressado do Brasil, move-se essencialmente pela baixa de Lisboa, entre os finais de 1935 e meados de 1936, e encontra-se, com frequência, diante da estátua de Adamastor, no Alto de Santa Catarina, chegando mesmo a residir ali ao lado.

Ora, as referências a esta figura, ao longo do romance, são abundantes; são simbólicas; prendem-se com várias motivações e permitem diversas relações, interpretações e leituras. No entanto, se tivermos em conta a relação que essa figura, através da sobrevivência que adquiriu (estátua) e não só, estabelece, em particular, com o protagonista do romance, percebe-se que há uma correspondência íntima muito forte entre ambos. Neste sentido, Adamastor, mais do que um marco geográfico e simbólico do romance, funciona como uma espécie de espelho (elemento que também aparece inúmeras vezes no romance, sempre associado ao protagonista, que se vê constantemente nele) que ajuda no processo de figuração de Ricardo Reis, por exemplo, para realçar a sua solidão, a sua nostalgia, a sua apatia, o amor incorrespondido de Marcenda...

Sendo assim, partindo da ideia/do símbolo de espelho, que nos devolve a nossa imagem, que nos dá consciência do nosso verdadeiro eu, que representa a sabedoria e o conhecimento, que nos faz refletir sobre nós mesmos, obrigando a tomar consciência do que somos e ou do que queremos ser, pretendo mostrar, essencialmente, como José Saramago torna a figura de Adamastor indissociável do processo de figuração de Ricardo Reis.

Resumo CV: Licenciado em Humanidades e mestre em Literatura Portuguesa – Época Contemporânea, pela Universidade Católica Portuguesa – Braga, sou atualmente docente de Português no ensino básico e secundário. Beneficiei de uma bolsa de investigação (Doutoramento), na área dos Estudos Literários, por parte da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, durante o ano de 2012, a qual me permitiu ser membro investigador do CEFH – Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Universidade Católica Portuguesa – Braga.

No que toca a publicações, refiro a dissertação de mestrado, que se debruçou sobre *Os passos em volta* de Herberto Helder, bem como comunicações decorrentes da participação em colóquios nacionais e internacionais e artigos publicados em revistas científicas (cf. <http://independent.academia.edu/MarcoSilva1>).

Maria do Socorro Furtado Veloso⁶

Os desassossegos do jornalismo na redação de *A noite*

Temas: O teatro de José Saramago ou José Saramago cronista e jornalista

No conjunto de escritos de José Saramago, os paradoxos do jornalismo enquanto profissão, espaço de embates e forma de conhecimento estão especialmente assinalados na peça teatral *A noite*, de 1979, que se passa numa redação de jornal na madrugada de 24 para 25 de abril de 1974, durante a chamada Revolução dos Cravos.

Relacionar esses paradoxos com as reflexões que o escritor português sistematicamente produziu sobre o papel do jornalismo e das mídias, tendo ele mesmo, por um período de tempo, trabalhado como jornalista, é a proposta desta comunicação. Entre 1972 e 1975, Saramago passou por dois jornais lisboetas, *Diário de Lisboa* e *Diário de Notícias*, nos quais atuou como editorialista e diretor adjunto, respectivamente.

Ambientada em uma redação de jornal, *A noite* retrata as tensões do ambiente político que antecederam a queda do regime ditatorial. Ao construir seus personagens de modo a evidenciar essas tensões, Saramago recupera estereótipos típicos da profissão de jornalista. Valadares, por exemplo, é o chefe que alterna o tratamento bajulador aos poderosos e o autoritarismo com os subordinados. Seu jornal é mantenedor do regime e os empregados subservientes repetem discursos de teor fascista. Um dos contrapontos é o redator Torres, um típico *outsider*, que se mantém no cargo por conta da competência, mas não tem a confiança dos chefes por denunciar os baixos salários e a máquina censória.

O modo como o escritor confronta esses estereótipos reitera, em nosso modo ver, a crítica saramaguiana aos modelos de funcionamento de imprensa capitalista, que transparece não só em *A noite*, mas também em um significativo conjunto de

⁶ Professora associada do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil). Vinculada aos grupos de pesquisa Pragma e Ecomsul (UFRN). E-mail: socorroveloso@uol.com.br.

editoriais, artigos, conferências e entrevistas, além dos diários e em romances como *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), *Jangada de pedra* (1986), *Ensaio sobre a cegueira* (1995), *Ensaio sobre a lucidez* (2004) e *Intermitências da morte* (2005).

Referências:

SARAMAGO, José. **A noite**. Lisboa: Porto Editorial, 2014.

Marilani Soares Vanalli

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho

UNESP/Assis – BRASIL

Doutorado

Vozes polêmicas e polifônicas em “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago

Eixo temático: José Saramago polemista e doutrinador literário

Resumo: Pretende-se analisar neste estudo, as vozes polêmicas e polifônicas presentes em “Ensaio sobre a Cegueira”, de José Saramago. Uma escrita romanesca que constrói, pelas palavras, um campo complexo de representação. Percebe-se neste referido romance, o predomínio da atuação do narrador em 3.^a pessoa sobre as demais vozes. O trânsito desta voz – que em determinados excertos migra intencionalmente para a 1.^a pessoa – e com a mudança do nível anteriormente praticado, suscita reflexões. Uma narrativa em que se aglutinam e ecoam vozes polifônicas, como: a do autor; do narrador; dos personagens, com destaque especial para mulher do médico. A habilidade estratégica do narrador ao esculpir suas ideias, ultrapassa fronteiras e alcances inimagináveis, criando molduras que se sobrepõem, como camadas de pele que representam as qualidades negativas, sob as quais o ser humano se esconde-

ria. Vozes que se intercalam como em uma orquestra; que ocupam diferentes classes sociais; confrontam-se; geram polêmicas; que pretendem clamar a consciência moral de cada um, demonstrando o quanto a humanidade regrediu. Destacam-se ainda, as formas de enunciação e os níveis de linguagens pelo qual estas vozes são apresentadas: monólogo; diálogo; oralidade; oralidade em pensamento; escrita; cânon; carnavalidade, entre outros. Por conseguinte, uma análise mais aprofundada desse elemento da ficção intitulado VOZ.

Palavras-chave: Vozes polêmicas – polifonia – Bakhtin – ‘Ensaio sobre a Cegueira’, José Saramago.

Marisa Henriques

A figura do artista na obra de Saramago

Eixo temático: A personagem saramaguiana: figuração e sobrevida

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo analisar os processos de figuração das personagens saramaguianas ligadas à criação estética que surgem em *Manual de Pintura e Caligrafia*, *Memorial do Convento* e *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

Um pintor-escritor (H.), um músico (Domenico Scarlatti) e um poeta, face a face com o seu heterónimo, servirão de base à reflexão em torno de um tipo de personagem que merece a simpatia do narrador e que assume sempre um papel preponderante na diegese, quer em relação ao poder acional que comporta, quer ao seu valor simbólico. Na prosa saramaguiana a tensão entre artes torna-se numa prodigiosa tentação para questionar limites artísticos e desafiar linguagens, assumindo com limpidez a dificuldade de representar mundos. Liberta da imagem cristalizada oitocentista do artista maldito ou do génio prometeico, a figura do criador assume em Saramago um estatuto de mediador entre céu e terra, numa expressão de sabedoria, face ao que o rodeia, e de sentido do sublime que o distingue do comum dos demais mortais ficcionados.

Mg. Marisa Leonor Piehl

Universidad Nac. de la Rioja – Universidad Nac. De Chilecito
Argentina

Al encuentro de los hombres imaginarios

José Saramago, en su novela *La balsa de piedra*, plantea la posibilidad de que la Península Ibérica hubiera decidido iniciar su viaje para salir en busca de los *hombres imaginarios* pero ¿qué particularidades harían a esos hombres diferentes de los demás seres humanos?

El marcado –y reiteradamente señalado– humanismo del autor autoriza a indagar en esa idea y éste es el propósito de este trabajo. A partir de las propuestas que realizara Julia Kristeva en la conferencia pronunciada en la Universidad de Roma III el 26 de octubre de 2011, titulada “Diez principios para el humanismo del siglo XXI”, entre otras publicaciones, se buscará hacer luz sobre el grupo de personajes que recorren la Península (tres hombres, dos mujeres y un perro) y profundizar en el análisis de algunos de los acontecimientos más destacados que propone la novela: la particular relación de los personajes con el quiebre de la Península, la conformación del grupo y de las parejas, la adaptación a las nuevas condiciones de vida, el papel de la mujer en las sociedades del nuevo milenio, la actitud frente a la muerte, entre otros.

Finalmente, se intentará encontrar en ellos algunos elementos que caractericen a esos *hombres imaginarios* que anunciara el narrador en 1986 pero que, en un ejercicio de generalización, se pueden entrever en la conformación de los protagonistas de todas las novelas saramaguianas.

Mauro Cavaliere

A receção da obra de José Saramago na Suécia desde 1982 até à atribuição do prémio Nobel

Resumo: Até 1983, quando Arne Lundgren escreve a primeira recensão de *Memorial do Convento* no *Göteborg Posten*, Saramago, na Suécia, é um nome desconhecido. No entanto, noutra recensão de 1985, já se fala de Saramago como de um escritor de nível mundial. Na realidade, terão que passar três anos mais para que saia a primeira tradução para sueco de um romance de Saramago (*Memorial do Convento*). A partir deste ano, recensões e artigos multiplicam-se. Ainda assim, o crescimento da atenção não dá lugar a uma divulgação retrospectiva da obra do escritor português (*O Ano da Morte de Ricardo Reis* só será publicado em 1999 e a *Jangada de Pedra* até hoje não foi traduzido). Com efeito, as traduções seguem a ordem cronológica da publicação dos romances em Portugal apenas a partir da data da primeira tradução sueca: *História do Cerco de Lisboa* (1991) seguido pelo *Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1993) e *Ensaio sobre a Cegueira* (1997). Ainda assim, já por volta de 1995, com apenas três romances traduzidos, a imprensa sueca fala com insistência sobre a possibilidade de que o prémio seja atribuído ao escritor português, o que, como é sabido, acontece em outubro de 1998. É bastante evidente que as complexas dinâmicas internas da Academia Sueca quanto à atribuição dos prémios são bastante alheias à tradução para sueco de um escritor, como aliás sugere o facto de que elas se multipliquem após o acontecimento, aproveitando o efeito mediático. Mesmo assim, a candidatura parece improvável faltando completamente alguma divulgação da obra no país do Nobel.

Nesta comunicação pretende-se acompanhar alguns momentos relevantes da receção da obra de Saramago na imprensa sueca, desde as primeiras esparsas resenhas até à consagração do escritor, tentando apontar para figuras-chave e momentos tópicos para a sua difusão na Suécia.

Mauro Dunder

A Morte como Representação do Feminino em *As Intermittências da Morte*

Um dos grandes desafios postos ao leitor de *As Intermittências da Morte*, de José Saramago, está em lidar com as pré-concepções que, inevitavelmente, se carregam em relação à imagem da morte. A “temida das gentes”, como a chamou Manuel Bandeira, adquire no romance em questão contornos característicos de um indivíduo antropomórfico, tanto na esfera de evocação visual (as características que a Morte assume, a determinada altura da narrativa), quanto na esfera dos traços comportamentais e emocionais. Carlos Reis, em “Pessoas de Livro: Figuração e Sobrevida da Personagem” (2015), afirma que “a figuração não é simplesmente um outro modo de entender a convencional caracterização, sendo antes um processo mais amplo, englobante e consequente” (p.53). A partir dessa e de outras reflexões propostas por Reis, é objetivo fulcral deste trabalho compreender como se dá, em *As Intermittências da Morte*, a construção da figura da Morte, e em que medida ela pode ser lida como representação de um perfil específico de mulher. Por fim, é intenção desta comunicação realizar uma leitura de *As Intermittências da Morte* pautada pelos pressupostos da Crítica Feminista, como a concebe Elaine Showalter, em seu célebre texto “A Crítica Feminista em Território Selvagem” (1981), na tentativa de perscrutar o texto saramaguiano e compreender quem é a mulher que surge a partir das palavras do autor.

Miguel Real

Os editoriais de José Saramago no *Diário de Notícias* em 1975

“Entre Março e Novembro de 1975, J. Saramago assume a função de vice-director do jornal “Diário de Notícias”. Neste cargo de direcção, publica no jornal, na rubrica “Apontamentos”, um conjunto de editoriais cujo conteúdo lança algum escândalo entre

os trabalhadores do jornal, levando ao saneamento de 24 de jornalistas em plenário geral de trabalhadores. Não é Saramago quem saneia os 24 jornalistas contestários, mas um plenário geral de trabalhadores.

Num primeiro momento da comunicação, integra-se o jornalista J. Saramago e o “Diário de Notícias” no contexto geral do jornalismo em Portugal no Verão Quente de 1975, caracterizado sobretudo pelo acérrimo partidarismo da totalidade da imprensa.

Num segundo momento, caracterizam-se política, social e ideologicamente as linhas dorsais dos textos de J. Saramago, concluindo-se estarem vinculadas ao que o autor designa por “socialismo”, um vínculo abrangente que se identifica menos com a linha partidária exclusiva do Partido Comunista Português (de que Saramago era membro) e mais com a luta geral activa, prática, um pouco espontânea, dos trabalhadores: comissões de trabalhadores, comissões de moradores, cooperativas agrícolas, defesa da auto-gestão e das nacionalizações, acompanhada por um apelo veemente à “autoridade revolucionária” do Movimento das Forças Armadas contra sectores políticos e militares considerados “contra-revolucionários”.

Desde então, Saramago, como jornalista, é identificado com o seu Partido, o que é não só absolutamente desmentido (i) pelas declarações do próprio, (ii) pelo conteúdo dos seus editoriais, inclinados no apoio aos movimento populares, ousando mesmo criticar algumas posições políticas do PCP, e (iii) pelo facto de não ter sido convidado para integrar os quadros do novo jornal do Partido Comunista, “Diário”.

Miriam Ringel

‘Poetic existence’ and ‘reflective sorrow’ as an experience of alienation of masculine heroes in Saramago’s work

“Wise is the man who contents himself with the spectacle of the world.”

(Ricardo Reis)

The phenomenon of alienation characterizes modern reality and is a growing phenomenon as the organized picture of the world breaks down. Saramago shows in his

work how modern reality causes the experience of alienation. And the absence of the family and the absence of the traditional Portuguese “home” are at the center of his work.

In my talk I will expand the subject through Kierkegaard’s writings on “poetic existence”⁷ and I will associate this mode of existence with irresponsibility. I will show how some of Saramago’s masculine heroes are in this state.

Not every sense of strangeness is alienation. In order for this feeling to become alienation, two conditions must be fulfilled: one – that foreignness is a process and not a fait accompli. The second – it captures the entire being of man, and man perceives himself as alienated. Alienation is alienation from the world, social estrangement, and in some cases estrangement is alienation from the self. The experience of alienation is both ontological and cultural, and it is characteristic to Saramago’s masculine heroes.

“Poetic existence” (Kierkegaard) is a lifestyle of immediate connection to sensuality. It is an existence that has no ability to cling to life itself.

Saramago’s project is to confront his heroes with reality, excluding them from the state of alienation and the poetic existence of an aesthetic work, which has quite nothing between it and reality. Such characters are embedded in what Kierkegaard calls “reflective sorrow,”⁸ a sorrow that moves inward into thought and imagination.

Saramago, as a sublime writer will succeed in what Kierkegaard thinks that to describe the reflective sorrow in art is very difficult. Saramago manages to describe this sorrow especially in the novels *Manual of Painting and Calligraphy*, *All the Names*, *The Year of the Death of Ricardo Reis* and *The Double* – novels depicting figures of men in this reflective sorrow.

Ricardo Reis, H, José or Raimundo Silva are heroes who watch the real world without taking a real part in life. In this case, it is not just the aesthetic estrangement that many heroes in Saramago’s work have. They are also artists: a poet, a painter, a proofreader who is a writer, a historian, a cellist, but they are heroes who do not take a real part in life and responsibility because they have never married and half their lives they spent without even having loved a woman.

⁷ Kierkegaard 1980, pp. 32-33 (**The Sickness unto Death**).

⁸ Kierkegaard 1987, pp. 169-170 (**Either/Or I**).

Orietta Abbati

“Debaixo da sombra que a criança levanta”. Ler hoje *O ano de 1993*

O ano de 1993: uma proposta de leitura cuja intenção é reatualizar o texto de José Saramago em coincidência com os vinte anos decorridos da atribuição do Nobel. Partindo da constatação de que este livro se subtrai exemplarmente a qualquer definição de ordem genológica, ficando contudo também claro o laço que o prende a uma circunstância histórica ou contingente, o texto, por força também da sua estrutura fragmentária em versículos de respiração bíblica, e com evidentes ritmos e rasgos poéticos, não se apresenta como datado, antes adquiriu ao longo dos mais de quarenta anos após a sua publicação, novos sentidos. Veio, pois a constituir-se, em nosso parecer, por um lado como verdadeiro cofre onde estão guardadas as sementes das futuras obras do escritor; por outro como alegoria do mundo atual devido à força futurante, algo distópica, mas então também radicalmente “redentorista”, da visão do autor, para o qual o homem só poderá conhecer um recomeço indo recuperar a um estágio “primitivo”, “o doloroso nascimento duma primeira palavra” e com ela os valores de uma nova humanidade possível.

Tratar-se-ia, portanto de uma “obra aberta”, usando o conhecido título de Umberto Eco, capaz de convidar o leitor a novos percursos interpretativos.

Orlando Grossegeisse

(Universidade do Minho, Braga)

A questão da personagem no ‘romance concentracionário’.

D’ *A Centelha da vida* (1952) ao *Ensaio sobre a cegueira* (1995)

Eixo temático: A personagem saramaguiana: figuração e sobrevida

“O esqueleto 509 ergueu lentamente a cabeça e abriu os olhos”. Assim começa a tradução do romance *Der Funke Leben* (1952) de Erich Maria Remarque. Foi tradu-

zido por José Saramago a partir da edição francesa *L'Étincelle de vie* de Michel Tournier (1953) e publicado sob o título *A Centelha da vida* (Ed. Europa-América, 1955). A narrativa de Remarque, sem base testemunhal, descreve o dia-a-dia de um coletivo num campo de concentração nazi imaginário nos meses antecedentes à libertação. Na época, o livro foi de imediato um *bestseller* internacional, enquanto *Se questo è un uomo* (1947) de Primo Levi, um relato testemunhal que foca a questão da perseverança do ser humano, teve apenas a partir da reedição de 1958 maior divulgação, chegando só nos anos oitenta a afirmar-se como texto canônico da 'literatura do holocausto'.

Em 1954, Saramago traduziu o sofrimento coletivo sob condições infra-humanas sem pontos de referência da 'literatura do holocausto', na altura inexistente. Quatro décadas mais tarde, criou no romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995) a ficção de outro campo de concentração – o ponto alto de um processo evolutivo da sua escrita sobre a violência. Partimos da tese que a tradução do livro de Remarque contribuiu para a aprendizagem de modos de figuração de personagens (o coletivo/o indivíduo; os detentores do poder/as vítimas; o protagonista) em processos de desumanização/coisificação e da perseverança do humano, que se refletem na sua obra posterior.

Otávio Henrique Rodrigues Meloni

Poemas possíveis de um mundo nem tanto: o lirismo de afetos de José Saramago

Tema: A poesia de José Saramago

Notoriamente reconhecido por sua premiada prosa, José Saramago se tornou um dos romancistas mais consagrados da literatura universal, recebendo, inclusive, o prêmio Nobel de Literatura, data que este evento homenageia. Porém, não tão conhecida, mas também de extrema qualidade e importância, sua poesia reflete as angústias de um sujeito lírico inserido em um mundo que o afeta de diversas maneiras, quase todas elas em distopia. Com um olhar crítico e político que ancora sua obra, o Sara-

mago das alegorias narrativas a chafurdar a raça humana em suas involuções sociais e humanísticas cede espaço a um discurso lírico muito direto, inconformado e afetado diretamente pelas mesmas mazelas, porém em caráter subjetivamente dúbio: mais subjetivo, na medida de quem é afetado e de como reage; menos subjetivo, na medida em que produz um discurso lírico pouco alegórico. Esta proposta de comunicação tem como principal objetivo analisar alguns poemas do livro “Os poemas possíveis”, tendo como núcleo de investigação a construção do discurso subjetivo na poesia do autor e as relações de natureza estética que alicerçam tal empresa. Para pensar tais questões, a comunicação será desenvolvida em diálogo com textos do próprio José Saramago, além de referenciais teóricos como Antoine Compagnon, Haroldo de Campos, Octavio Paz, Alfredo Bosi, Gastão Cruz e José Rodrigues de Paiva.

Patrícia Silva

(Investigadora, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra:

***Ensaio sobre a Cegueira e Blindness*, de Fernando Meirelles: intertextualidades transmediais expressionistas**

Um dos romances mais famosos e traduzidos de José Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira* (1995) foi adaptado para o cinema pelo realizador brasileiro Fernando Meirelles como *Blindness* (2008). Nesta comunicação pretende-se explorar a relação intertextual entre as duas obras, propondo-se que onexo intertextual entre elas passa, em boa parte, pelas relações intertextuais que, por sua vez, ambas estabelecem com determinadas obras de arte evocadas no romance. Defende-se que a forma de intertextualidade praticada no romance e no filme assenta numa estética expressionista, com vista a representar verosimilmente, e com base em técnicas específicas de cada *media*, a dimensão apocalíptica de experiências distópicas, tais como a epidemia de cegueira e a subsequente desagregação da sociedade. Traçam-se as raízes da prática intertextual saramaguiana a *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977) – o ensaio de romance autobiográfico de Saramago, cujo protagonista, um pintor de retratos, declara a sua preferência

por um estilo expressionista polémico e radical – procurando-se demonstrar que, tal como nessa obra, o estilo e a intertextualidade em *Ensaio sobre a Cegueira* assume um expressionismo hiper-realista conforme à temática abordada. Por conseguinte, na sua intenção professa de transpor fielmente o romance, Meirelles recorre a técnicas expressionistas afins, na linha do hiper-realismo naturalista de *Cidade de Deus*. Acrescentadamente, em *Blindness* faz recriações filmicas de obras de arte que serviram de inspiração à reflexão de Saramago sobre questões de mimese e de simulacro subjacentes à parábola da cegueira, assinalando dessa forma o diálogo com o romance-ensaio do escritor português e ensaiando a mesma reflexão metatextual noutra *media*.

Paulo Octávio Nunes Dias Teixeira

Universidade Federal da Bahia

Ditadura e representação monumental da história em o ano da morte de Ricardo Reis

Nunca será demais referir a atenção que José Saramago dedica ao espaço e à precisão topográfica no romance *O ano da morte de Ricardo Reis*. A topografia de Lisboa, às mãos de Saramago, transforma-se num mapa de espaços que articulam a ideia de como uma cidade documenta a sua História.

Uma das maneiras pelas quais a cidade e a sua História são representadas de forma dúbia é por meio do recurso a monumentos e estátuas. Deste modo, o discurso oficial tenta valorizar determinados momentos em detrimento de outros. O narrador do romance ironiza sobre a função desses monumentos ao aludir, num diálogo entre Ricardo Reis e Fernando Pessoa, à retirada da estátua de Pinheiro Chagas por parte do regime salazarista.

Para o fisionomista urbano (BENJAMIN, 1989) a cidade é uma série de monumentos, no sentido em que estes são tentativas de definir a sua representação em pedra. Em várias passagens, o autor examina algumas das estátuas de Lisboa de uma forma que é reveladora da sua visão da História e dos seus objetivos textuais. Dois motivos arquite-

tônicos percorrem o romance: a estátua de Camões, ao longo de toda a obra, e a estátua do Adamastor, na segunda metade daquele. Esses dois motivos estão relacionados de forma umbilical: a mesma relação que une o criador e a criatura, gemelar daquela que une Fernando Pessoa e Ricardo Reis.

As estátuas, para além de funcionarem como recipientes simbólicos de um tempo que passou, servem para balizar a própria existência do protagonista. Os percursos de Ricardo Reis constituem-se, assim, num instrumento de leitura e de figuração de Lisboa, que questiona e critica os fundamentos das representações instituídas da cidade em plena ditadura do Estado Novo.

Pedro Fernandes de Oliveira Neto

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

José Saramago e a necessidade de termos olhos quando outros já os perderam

O olhar está entre as obsessões da literatura saramaguiana – sobretudo quando tornado alegoria para um romance, como é caso em *Ensaio sobre a cegueira*. Entretanto, o que também podemos designar como tema não apareceu com este livro 1995, tampouco findou aí; este é um fio que perpassa toda a sua obra: remonta ao período quando Saramago ainda polia os elementos que dariam forma ao seu universo literário (na crônica, no conto, nos romances da primeira fase) e se mantém direta ou indiretamente nas criações posteriores à obra na qual adquire seu lugar principal. De modo que podemos afirmar ser a obra de José Saramago o exercício para um tratado sobre o olhar cuja dimensão maior se confirma no *Ensaio*. Tal recorrência não se trata apenas de uma revisão para uma tese, mas, não excluindo a dimensão ética e política como queria o escritor, um apelo ao reparo, a outra forma de ver. Desse modo, esta comunicação alcança o interesse de examinar a prosa romanesca, ou mesmo em outras peças do universo saramaguiano, a recorrência, a diversidade de figuração do tema do olhar e as relações cerzidas no jogo intertextual. *Ensaio sobre a cegueira*, enquanto romance ale-

górico sobre o olhar, é tratado aqui como ponto de observação para os lugares da visão sugeridos pela literatura de Saramago. Neste percurso, nos guiaremos por responder sobre quais as motivações para o tema e em torno de quais variantes este se assume. Síntese sobre uma síntese, o que evidenciamos é uma plurividência de sentidos para um elemento que se repete não da mesma maneira e constitui uma das perspectivas mais ricas sugeridas no decurso do projeto literário conduzido pelo escritor português.

Palavras-chave: José Saramago. Alegoria. Olhar.

Pedro Nunes de Castro

Ensaio sobre a morte de Ricardo Reis: estratos filosóficos na obra saramaguiana

Esta pesquisa alinha-se aos estudos que evidenciam o entrelaçamento da literatura com a filosofia. Entendemos que são dois âmbitos de saber que se interseccionam, uma vez que ambos abordam temáticas concernentes à condição humana. Na obra do escritor José Saramago esses conteúdos estão em primeiro plano, tais como as reflexões sobre o autoconhecimento conectadas ao viés filosófico da ética. Realçando as narrativas *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e *As Intermitências da morte* (2005) pretendemos trazer a lume o diálogo estabelecido com o Estoicismo. O âmbito ético dessa corrente filosófica, que nasceu na Grécia e teve ilustres seguidores, tais como, Sêneca (4 a.c. – 65 d.c.) e Marco Aurélio (121 d.c. – 180), preconizou diretrizes para que o ser humano alcance a *eudaimonia*, isto é, a felicidade. Entretanto, os preceitos mencionados tornaram-se objeto de interpretações diversas e contrastantes, sendo que alguns estudiosos inferiram deles uma exortação à ação e outros, uma apologia ao modo de vida exclusivamente contemplativo. A pesquisa em tela evidencia o diálogo das narrativas do escritor português com as normas sugeridas pelos estoicos, através da duplicidade interpretativa supracitada. Entendemos que ressaltar esta relação dialógica agregará novas possibilidades hermenêuticas à fortuna

crítica do prêmio Nobel. E para efetivarmos a presente análise, referenciamos-nos em Kristeva (1974) e Bakhtin (1981) que sustentam a onipresença da intertextualidade e do dialogismo na constituição da linguagem literária.

Palavras-chave: Obra de Saramago; Estoicismo; Dialogismo; Intertextualidade.

Piero Ceccucci

Universidade de Florença

«No dia seguinte ninguém morrem». Realismo fantástico-maravilhoso e ironia mordaz em *As Intermittências da morte* de José Saramago

Abstract: José Saramago neste romance, e à sua maneira, parece entrar um diálogo aberto com o leitor sobre um dos temas mais perturbadores da psique humana: o da morte e da sua acção assustadora, pois, a ninguém é consentido escapar, aquando ela chegar, ao próprio destino.

Neste romance, de facto, o autor convida o leitor a reflectir sobre a morte, vista de outra perspectiva, ou seja, como um mito fantástico que, nascido na noite dos tempos mitológicos, se representa como figura horrendamente infernal que estabelece o fim da vida de todos os seres viventes.

Sendo esta a fábula de fundo da narração, Saramago articula magistralmente o seu discurso em três segmentos.

No primeiro nos conta as repercussões do desaparecimento da morte nas cidades e no campo e as reacções sócio-políticas diante a estranheza de tal fenómeno; no segundo segmento a morte é personificada, enviando uma carta de insólita cor violeta para anunciar ao destinatário que ela voltou e que este infeliz terá oito dias para arrumar a sua vida particular e pública e para, finalmente, morrer; no terceiro, um violentista, que tinha recebido a terrível missiva, entra em diálogo maravilhoso – segundo a definição conhecida de Todorov – com o negro anjo da morte, de maneira que este se torna uma figura humana cheia de sentimentos, próprios da natureza humana.

Com o presente trabalho, portanto entende-se investigar sobre o discurso narrativo encenado, para focar os elementos fantásticos e maravilhosos, com que o escritor – alternativamente – parece envolver neles o leitor, para que torne conhecimento – segundo o pensamento do Saramago – da filosofia de fundo que sustenta, desde sempre, a organização político-religiosa e económica da sociedade humana.

Raquel Brandão do Sêrro

Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa – UC

Figuração camonianiana, metalinguagem e metalepse em “Que farei com este livro?”

O teatro de José Saramago

Em 1980 é publicada a peça teatral de José Saramago: “*Que farei com este livro?*” – esse questionamento é feito pela personagem Camões dentro dessa obra que tem como enredo a publicação da primeira edição de *Os Lusíadas*. Em nossa análise propomo-nos demonstrar como Saramago refigura o retrato clássico de Camões, revelando ao leitor o perigo de uma abordagem inocente ou conduzida por ideologias manipuladoras.

Sabemos que ao longo de mais de quatro séculos a história da literatura e das artes em geral quase sempre vincula a imagem de Camões à figura de um artista incompreendido e criador de uma obra que serve como a interpretação de Portugal. Contudo, quando se lê “*Que farei com este livro?*” percebemos um Camões humano, envolvido em situações reveladoras de contradições éticas e sociais, um homem que luta para conseguir publicar sua obra. É a condição de mito que Saramago vem dessacralizar quando nos dá um Camões fraco, hesitante e confuso, não um mártir.

Ademais, o leitor presencia a escrita de dois livros: o do Camões e o do Saramago. E por internalizar na forma literária as diversas interpretações que se pode dar aos livros, Saramago, ao fazer literatura, também fala de literatura. Nesse sentido, é inevitável para o leitor não aproximar o contexto histórico da produção camonianiana do contemporâneo.

Não obstante, a participação do leitor não fica somente na atualização da obra. A última frase do livro é obtida pelo acréscimo de uma letra no título modificando a desinência verbal “farei” por “fareis”, o leitor então é convocado metalepticamente na obra, como um narratário. Não sou “eu”, mas sois “vós”, espectadores/leitores, que são questionados. Inverte-se aí também o sentido da recepção do objeto: não é apenas Camões, personagem no palco, quem recebe “Os Lusíadas”; são os leitores de quatro séculos passados até o presente, que o vêm recebendo e lendo.

Palavras-chave: José Saramago; Camões; metalepse; figuração; Literatura Portuguesa.

Renan Liparotti

Do Olimpo a Jerusalém: um passeio pela dramaturgia de Saramago em *In Nomine Dei*

Caim, último romance de José Saramago, apresenta uma narrativa curta e reconta diversas cenas do Primeiro Testamento, vivenciadas particularmente pelo herói da narrativa. Esse, logo depois que assassina seu irmão tem uma discussão com Deus, assume a culpa pelo assassinato e declara ao Todo Poderoso ser esse detentor de parte da culpa. Deus, que não pôde deixar de concordar com os argumentos do protagonista, acaba dando-lhe um castigo peculiar: marca-lhe a testa e garante que ninguém o matará. Posterior à marca, Caim parte em viagem iniciática e passa por vários momentos cruciais da narrativa bíblica, como Sodoma e Gomorra, a Arca de Noé, Jó e chega a ter um filho com Lilith (famosa figura da cabala judaica). Pouco conhecido da crítica – que acabou ofuscando-o em favor de livros mais famosos e de maior empenho alegórico e/ou históricos do escritor –, o romance também não teve grande recepção pelo público leitor, permanecendo em um limbo literário pouco comum à obra do autor. Nossa proposta nesta intervenção é a de ler o romance supracitado sob três aspectos chaves e de maior importância ao nosso entender. A saber: sua filiação (ou não) às questões do insólito (marcado pelas viagens no tempo que a personagem realiza para participar dos eventos

bíblicos apresentados); sua desfiliação ao que os mais afoitos resenhistas apontaram como sendo um ataque aos paradigmas e crenças da base religiosa judaico-cristã e, por fim, a apresentada reencenação do processo mítico da viagem clássica, originária do *bildung*, atualizada pelo texto em suas nuances e dialogando explicitamente com o Ulisses homérico da *Odisseia*. Para realizar tal intento, recorreremos à contribuição de teóricos como Linda Hutcheon (1991) e Mikhail Bakhtin (1987) para, com seus aportes, perscrutarmos um caminho analítico coeso.

Roberta Nunes Andrião

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Os nevoeiros de José Saramago: questões contemporâneas em *Ensaio sobre a cegueira*

Tema: Alegorias saramaguianas

A obra de José Saramago é marcada pela repetição de alguns termos. Com certa frequência encontra-se alusões a nuvem, neblina, névoa e nevoeiro, elementos que surgem em momentos significativos de seus romances, o que faz com que se suponha que tais inserções não são aleatórias. Diante da frequência com que os nevoeiros se apresentam nos romances do autor, a questão que se coloca é em que medida essa presença pode ser relevante para o entendimento de sua obra. Alguns autores de outros campos do saber abordam em seus trabalhos o tema do nevoeiro. Claude Lévi-Strauss aponta pelo menos dois papéis para fenômeno: um disjuntivo e outro conjuntivo. Zygmunt Bauman traduz como um “viver na neblina” a condição social contemporânea, capaz de ocultar os perigos e seus medos derivados. O arquiteto e pesquisador brasileiro Guilherme Wisnik nos fala de uma estética do nevoeiro ao analisar obras de arte e arquitetônicas que procuram romper com o reconhecimento imediato da forma: desorientando mais do que direcionando, confundindo mais do que esclarecendo, escondendo mais do que revelando – obras com características informes, que se contrapõem ao momento atual, de excessiva nitidez. Em *Ensaio sobre a cegueira* (1995) Saramago

aponta também para o contexto contemporâneo rompendo não só com sua nitidez, mas com a própria visão, imergindo as personagens em um imenso nevoeiro. A proposta desta comunicação é analisa como a ruptura com a visão pode paradoxalmente provocar um olhar mais apurado nos leitores para questões críticas sobre a contemporaneidade e, conseqüentemente, sobre o próprio ser humano.

Rodrigo Fernando Vidal dos Santos

Cinema e Audiovisual (Universidade Federal de Pernambuco/CNPq)

José Eduardo Gonçalves dos Santos

Mestrado em Letras – Teoria da Literatura (Universidade Federal de Pernambuco – Programa de Pós-Graduação em Letras/CNPq)

A escritura como desastre nas obras A jangada de pedra

Resumo: As relações entre cinema e literatura acontecem numa complexa trama que, há muito, tem dissipado o previsível campo analítico das adaptações. Ou seja, relações de semelhanças entre o texto literário e a sua versão cinematográfica, de modo a se valorar como melhores as criações mais próximas das tessituras literárias, deixam de ser uma recorrência nos apreciações críticas. Agora, orientados por perspectivas intersemióticas que visam o estudo das divergências tanto quanto o das aparentes semelhanças, a crítica literária e a teoria da literatura buscam ver essas obras em suas autonomias: linguagem distintas que se mesclam numa intrincada cadeia de interrelações em que as interpretações fílmicas passam a ter a mesma importância que o texto primeiro, orientando sentido e convergindo em modulações artísticas. Logo, partindo de tal compreensão, o trabalho que ora apresentamos tem como objetivo trazer à tona discussões ancoradas no âmbito teórico-metodológico da intersemiose acerca das produções, literárias e cinematográficas, das obras “A jangada de Pedra”. Entre a obra de Saramago (1986) e a versão lançada por George Sluizer (2002), iremos observar quais

os signos se movem para a produção de uma obra nova, numa linguagem distinta e, igualmente, plurissignificativa, ancorando tal leitura nas teoria crítica de Jacques Rancière (2003) quando esse debate *as distâncias* do cinema, na sua relação de recriação a partir do objeto literário. Evitaremos, em tal leitura, usar o conceito de adaptação, como forma de dar lugar ao de tradução intersemiótica (PLAZA, J. 2000), haja vista compreendermos que ambas as linguagens caminham sob o signo da criação em suas especificidades produtiva. Assim, nesta proposta, caminharemos observando a construção da alegoria do cão, da pedra e do silêncio na obra literária e na obra cinematográfica, lançando algumas interrogativas sobre os modos distintos dessa representação alegórica nas duas obras. Para isso, faremos uso da conceitualização de alegoria, lançado por Walter Benjamin (1984), para versar hipóteses acerca da presença do cão e da pedra como modos de evidenciar uma construção alusiva à crise da linguagem, à catástrofe e às formas de apontar caminhos de superação. Encontrar-se-ão, neste momento, os apontamentos supracitados com os de Maurice Blanchot (1980) que desenha caminhos de compreensão para as escrituras que desenharam desastres ou que visionam as consequências: o silêncio, a negação, o caos. Por fim, com este trabalho, objetivamos trazer à tona a compreensão da obra de Saramago como aberta às múltiplas leituras e às diferentes recriações, mostrando-se potente para nos fazer pensar os dias de hoje e a existência de uma quase total devastação da terra, da linguagem.

Palavras-Chave: A jangada de pedra; Cinema; Literatura; Alegoria; Desastre.

Rui Guilherme Silva

(CLP-FLUC)

***Que farei com este filme?* – José Saramago na sala de aula e no cinema**

O atual Programa de Português do Ensino Secundário (2014) prevê duas situações pedagógicas relacionadas com o cinema: a “apreciação crítica” de um filme (como conteúdo programático) e a “análise de recriações de obras literárias do Programa”,

com recurso à linguagem cinematográfica (como descritor de desempenho no domínio da Educação Literária). Em sentido idêntico, José Augusto Bernardes e Rui Afonso Mateus, no ensaio *Literatura e Ensino do Português* (2013), defendem as “vantagens da articulação entre o ensino da literatura e o cinema”.

O estudo da narrativa de José Saramago através do cinema pode beneficiar da circunstância de as obras propostas no Programa do Ensino Secundário – *Memorial do Convento* e *O Ano da Morte de Ricardo Reis* – não terem sido (ainda) adaptadas ao cinema. Trata-se aqui, portanto, de uma espécie de constrangimento produtivo, na medida em que desembaraça o leitor-espetador do problema da ‘fidelidade’ do filme ao livro original.

Assim, num âmbito alargado mas ainda autoral, o estudo do *Memorial do Convento* pode compreender a análise crítica da tecnofobia em *Embargo* (2010), de António Ferreira; como da encenação das multidões em cenários distópicos segundo *Ensaio Sobre a Cegueira* (2008), de Fernando Meirelles; ou da ocorrência do fantástico, da crítica do poder e da questão ibérica (*lato sensu*) conforme *Jangada de Pedra* (2002), de George Sluizer.

Já o estudo de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* encontra em *O Homem Duplicado* (2013), de Denis Villeneuve, formulações alternativas acerca do desdobramento identitário (ou da desagregação do sujeito). Mas o leitor-espetador poderá estabelecer outras relações e produzir outras interpretações se puder situar o ano de 1936 em *Sinais de Fogo* (1985), de Luís Filipe Rocha, ou se puder reler Pessoa-Reis em *Conversa Acabada* (1981) ou no *Filme do Desassossego* (2010), de João Botelho.

Sandra Ferreira

(UNESP/FCL-Assis)

Os mitos poéticos de José Saramago

Resumo: O propósito desta comunicação será verificar, em poemas de José Saramago, um núcleo poético em diálogo com as mitologias pagã e cristã, em que se sobressaem notas ácidas dirigidas não ao pensamento mítico, mas à conduta dos deuses em

geral, dando lugar a um universo religioso dessacralizado e a uma mitologia desmistificada. Tomaremos para objeto de análise uma seção de *Os Poemas Possíveis* (1966), intitulada “Mitologia”, constituída por catorze poemas em que o eu lírico traz à luz versos que remetem a sistemas de fé. A partir das reflexões de Mircea Eliade e Northrop Frye, entende-se que à Religião e à Arte cabe realizar muitas das humanas possibilidades de ser, porque a afinidade entre ambas repousa na imaginação, capaz de tornar palpáveis os fantasmas das inquietações humanas. Esta comunicação, portanto, apresentará uma leitura dos poemas da seção “Mitologia” em que se ressaltem os aspectos da configuração lírica de uma antiépica dos deuses. A mentalidade mítica dos poemas de José Saramago analisados remete a uma transcendência negativa, apontada por Hugo Friedrich como típica da modernidade, já que, em diálogo permanente com elementos da tradição cristã e pagã, o eu lírico recria a realidade e os mitos, mostrando-se sempre mais indisposto com os usos práticos da religião do que com os ritos e instâncias artísticas nela implicados.

Sara Grünhagen⁹

**Personagem em fuga do autor:
a figuração de Jesus no *Evangelho* de Saramago**

A publicação de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), de José Saramago, foi motivo de polêmicas várias e conhecidas, relacionadas à apropriação não apenas de narrativas bíblicas, mas sobretudo de figuras primárias do cânone cristão. A categoria da personagem é, de fato, central na elaboração deste romance de Saramago, mas sua importância vai além da transposição literária imediata de figuras sagradas: ela tem também um espaço na diegese deste *Evangelho*; ela é, como a própria construção narrativa, posta em causa. Trazendo à cena uma personagem cujas peripécias e cujo destino

⁹ Doutoranda em Literatura Portuguesa pela Université Sorbonne Nouvelle em cotutela com a Universidade de Coimbra, sob a direção de Olinda Kleiman e Carlos Reis.

são bastante conhecidos, Saramago, mais do que contar uma outra história, reescreve-a seguindo as linhas gerais do *roteiro* bíblico, mas transformando as personagens em atores conscientes de sua representação, à maneira de Pirandello e de outras narrativas metalépticas. É, em parte, essa consciência que reatualiza ideologicamente a tragédia de Jesus, que, como herói às avessas, quer “romper o contrato” com o autor divino que o concebeu e “viver como um homem qualquer”. Interessa-nos analisar neste trabalho, portanto, a figuração de Jesus enquanto personagem *em fuga*, destacando as estratégias que geram a forte tensão narrativa do romance, sobretudo na segunda parte. Para essa análise, tomaremos como base o conceito de figuração proposto por Carlos Reis em *Pessoas de livro* (2015), levando em conta mais do que a caracterização da personagem e incluindo elementos da ordem do discurso, em associação ainda com o conceito de metalepse, analisado por Gérard Genette em *Figures III* (1972) e *Métalepse* (2004). Nesse percurso de investigação, poderemos talvez ajudar a explicar algo do incômodo que o *Evangelho* causou nos críticos de Saramago, quando foram além do título e de sua intertextualidade evidente: a figuração metaléptica de Jesus, mais do que tocar o sagrado, interpela-o, exigindo que o leitor suspenda sua *crença*, e não sua descrença.

Palavras-chave: José Saramago; Evangelho; personagem; figuração; metalepse.

Tito Eugênio Santos Souza¹⁰

**“Vejo passar o tempo”: a temporalidade e os seus (in)fluxos
nas crônicas de José Saramago**

Resumo: Se a temporalidade (ou o tempo, numa acepção mais ampla) constitui um dos elementos basilares e estruturantes da narrativa, como o demonstram diversos autores contemporâneos em suas reflexões teóricas sobre o modo narrativo (Ricoeur,

¹⁰ Estudante de Doutorado em Ciências da Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC).

1983-5; Ryan, 2007; Herman, 2009), é certo que tal categoria também possui um papel incontornável na constituição do gênero crônica, conforme atesta a própria matriz etimológica do termo (proveniente do grego *khrónos*, que significa “tempo”).

Não por acaso, o tempo – que ora flui com a mesma serenidade de um rio, ora ameaça fazer a tudo ruir – ocupa um lugar incontornável em diversas crônicas de José Saramago, sendo um tema recorrente na produção literária – ou mesmo paraliterária – do célebre escritor português. Nesta direção, tendo como ponto de partida a leitura das crônicas publicadas originalmente no jornal *A Capital* (1868-1869) e, posteriormente, recolhidas pelo autor no livro *Deste e do Outro Mundo* (1971), procuramos refletir de que forma a temporalidade e os seus (in)fluxos manifestam-se discursivamente neste microuniverso ficcional/paraficcional saramaguiano.

Assim, considerando a tese central de Paul Ricoeur em *Tempo e Narrativa*, para quem a dimensão temporal constitui o ponto nevrálgico da estrutura narrativa – e, por conseguinte, da própria crônica enquanto gênero de imprensa –, investigamos de que modo as crônicas de Saramago, reunidas na coletânea citada, articulam a experiência humana em relação com o tempo. A nossa hipótese de estudo, a ser verificada, é a de que o autor propõe uma concepção triádica e multilinear do tempo, equacionando passado, presente e futuro.

Palavras-chave: narrativa; tempo; crônicas de imprensa; Saramago.

Bibliografia citada

- HERMAN, D. (2009). *Basic Elements of Narrative*. West Sussex: Wiley-Blackwell.
- RICOEUR, P. (2010). *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Martins Fontes.
- RYAN, M-L. (2007). Toward a definition of narrative. In D. Herman (Ed.), *The Cambridge Companion to Narrative* (pp. 22-36). Cambridge: Cambridge University Press.

Wagner Rodrigues Araujo (Wagner Merije)

Doutorando em Literatura de Língua Portuguesa

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Nexos, temas e obsessões de José Saramago em *os poemas possíveis*

O objetivo deste texto é analisar a estreia de José Saramago na poesia sob o ponto de vista de suas escolhas, repertório e estruturas no território da lírica. Como sua poesia ainda não foi suficientemente estudada, buscamos compreender um pouco mais de Saramago por meio das virtualidades narrativas presentes em *Os Poemas Possíveis*, seu primeiro livro de poesia, lançado em 1966. Através de pistas do próprio escritor, mapeamos nexos, temas e obsessões para tentar perceber de que forma a experiência com a poesia lhe serviu para projetar cenários e questões que, com mais tempo e maturidade – esse um aspecto inegável –, veio a desenvolver em sua vasta obra, principalmente nos romances. No caso de Saramago, em que a vida se confunde com parte de sua obra, em parte registrada em documentário, mas cuja vida foi como um filme, há de se tratar também do não dito, das entrelinhas, do místico, passando pelo ativista e pelo obstinado revelador de segredos da humanidade que construiu o próprio caminho, obra a obra, passo a passo, até o Nobel e para além dele. Por trás das tramas literárias estão as tramas que o juntou à Santíssima Trindade da Literatura de Língua Portuguesa, ao lado de Camões e Pessoa.

Palavras-chave: Literatura; Língua Portuguesa; José Saramago; Poesia; Crítica.